

REVISTA **Bzzz**



ANO 3 | Nº 24 | JUNHO DE 2015 | R\$ 12,00



ZILA

Vida e obra da escritora e bibliotecária que recusava ser chamada de poetisa



Governança CORPORATIVA

De office-boy a sócio da Camisaria União, empresário Antônio Gentil expandiu seus negócios na gestão de franquias e hoje comanda um grupo empresarial presente em vários estados do Nordeste. Ações compartilhadas com a mulher e os filhos, e já prepara os novos herdeiros, com consultoria da Price

MIDAS

A história do banqueiro Sebastião Gurgel, bisavô do presidente das Lojas Riachuelo

MOSSORÓ

Potiguares que derrotaram Lampião e seu bando

MORRO DO CARECA

Liberar ou não o acesso ao famoso cartão postal de Natal?

DE MILÃO

Correspondente da Bzzz informa sobre o maior evento do mundo em alimentação



EM 2015
COMEMORAMOS
17 ANOS
NO MERCADO

Tratamento completo para seus pés

REMOÇÃO DE CALOS	CALOSIDADE FINALIZADO COM MASSAGEM	CORTE TÉCNICO DAS UNHAS
FOTOTERAPIA LASER	REFLEXOLOGIA	TRATAMENTO INFANTIL
CAUTERIZAÇÃO DE VERRUGA PLANTAR	REMOÇÃO DE UNHAS ENCRAVADAS	MANICURA COMPLETA COM ESMALTAÇÃO



Mr. Foot

 3221.5775  @clinicamrfoot
Av. Rodrigues Alves, 597 - Petrópolis

UMA EM CADA TRÊS PESSOAS **JAMAIS** ADOTARIA PEDRINHO.

MAS VOCÊ PODE FAZER DIFERENTE.
ADOTE COM AMOR. NÃO ESCOLHA.

É fato: um em cada três brasileiros que desejam adotar exige que a criança seja branca. O preconceito de cor, de gênero e de idade acaba por gerar uma situação inusitada: a fila da adoção continua, mesmo existindo, em todo o Brasil, um número 5 vezes maior de pessoas querendo adotar do que de crianças esperando pela adoção. O processo só demora porque as pessoas fazem muitas exigências, quando deveriam encarar a adoção como um simples gesto de amor. Ajude a quebrar esse preconceito e a dar uma família e um lar a crianças como Pedrinho. Quem adota não escolhe: é escolhido.

♥ www.amornaoseescolhe.com.br ♥



ADOÇÃO:
Amor
não se
escolhe



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

SEGURANÇA

Trabalhando por um RN mais seguro

- Redução nos índices de violência no primeiro quadrimestre do ano.
- Mais policiais nas ruas, diminuindo os crimes em até 30%.
- Promoção de 1.220 policiais militares e bombeiros e de 100 oficiais militares, reafirmando o compromisso com a segurança.
- 50 novas viaturas entregues.
- Mais 200 veículos com permanência viabilizada nas ruas.
- Implantação do programa "CRACK é possível vencer" em Mossoró com entregas de ônibus de monitoramento, viaturas e equipamentos.



AGRONEGÓCIO

Mais atenção ao produtor rural

- O Governo aumentou em 142 toneladas a quantidade de sementes distribuídas no Programa de Distribuição de Sementes, que atende 137 municípios e beneficia mais de 35 mil agricultores.
- Vacinação do rebanho contra a aftosa - ampla campanha de incentivo à participação na primeira dose da vacinação, já concluída em maio.
- A realização do calendário de exposições agropecuárias movimentou a economia no interior e fortalece a pecuária no estado.



REALIZAÇÕES PARA CONTINUAR A AVANÇAR



TURISMO

Atraindo o crescimento para o nosso estado

- O Governo reduziu o ICMS do querosene de aviação (QAV), atraindo novos voos nacionais e internacionais. Os 4 novos voos já confirmados, para Buenos Aires, Campinas, Belo Horizonte e Milão, devem trazer R\$ 46 milhões para a economia do estado até o final de 2015.

ARTESANATO

Desenvolvimento pela valorização da cultura

- O programa do Artesanato Potiguar do Governo do Estado já conta com 10 mil artesãos cadastrados em 67 municípios atendidos.
- Em 2015, o Governo apoiou a Fiart, Feira Internacional de Artesanato, que teve a participação de 2.200 artesãos, atraindo milhares de visitantes do Brasil e do exterior.

EDUCAÇÃO

Determinação para avançar

- Mais de 400 professores convocados.
- Aumento do "piso nacional" para 13,1%.
- Reabertura da Escola Manoel Dantas.
- Implantação do PIP - Programa de Inovação Pedagógica em 111 escolas do estado.

GESTÃO

Um novo jeito de governar

- Não utilização, por convicção, da residência oficial e de outras mordomias, pelo governador do estado.
- Funcionalismo pago em dia.
- Diálogo com todos os setores da sociedade.
- Instalação do Gabinete de Gestão Integrada para acompanhamento das ações de convivência com a seca.
- Retomada e viabilização de projetos federais que trarão mais benefícios para o Rio Grande do Norte.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

A indústria do RN mais forte

- > Prorrogação do PROGÁS. O programa assegura o fortalecimento e a competitividade das companhias e indústrias já implantadas no estado.
- > Renovação dos benefícios do PROADI garantindo a geração de mais empregos em indústrias do RN.



BARRAGEM DE OITICICA

Retomada das obras

- > Após negociações com as pessoas e a comunidade envolvida, de forma democrática e consensual, o Governo retomou as obras da barragem de Oiticica, que vai diminuir os efeitos da seca e atender aos municípios do Seridó, Vale do Açu e região Central do RN, beneficiando mais de 500 mil pessoas.



O Governo do Estado está transformando o imenso desafio que foi assumir uma gestão estadual desequilibrada financeiramente em realizações que colocam o Rio Grande do Norte no caminho da seriedade e do desenvolvimento. Com uma administração responsável e conquistas importantes em áreas essenciais, o Governo mostra que somando coragem, muito trabalho e o apoio dos potiguares, vai continuar avançando.



PROGRAMAS SOCIAIS

Um Governo que olha para todos

- > Criação do Vila Cidadã, que irá oferecer serviços gratuitos à população.
- > Melhorias no programa Restaurante Popular, servindo 19 mil refeições diárias nas 24 unidades em 20 municípios do estado.
- > Implantação do Café do Trabalhador, servindo 900 cafés por dia para o trabalhador de menor renda.
- > 662 cisternas entregues em municípios do Semiárido potiguar.

SANEAMENTO

Natal 100% saneada

- > As obras de saneamento básico de Natal já foram iniciadas nas zonas Norte e Sul de Natal. O serviço irá beneficiar 1,2 milhão de pessoas em Natal, elevando a cobertura sanitária da capital de 36% para 100%.



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

O TEMPO NÃO PARA

E lá se vão dois anos. Dois intensos anos. E o início despretensioso se transformou em epopeia. Aos poucos, a Revista Bzzz foi se notabilizando com suas narrativas de histórias por muito desconhecidas. E por muitos apreciadas. Buscamos no passado tempos esquecidos que remetem à atualidade no hiato da memória. Dois anos. Um feito heroico, diante da imensidão das dificuldades de se fazer bom jornalismo, principalmente um impresso nos tempos virtuais. Mas, vamos contrariando todas as antevisões de insucesso. Antes do lançamento, ecoou-se até presciência de que as páginas se fechariam antes de completar a quarta edição. Hoje, é recorde de vendas em bancas de Natal. Vendas também de sucesso em bancas no Rio de Janeiro (Copacabana, Ipanema, Leblon) e Brasília (Lago Sul). E assim vamos percorrendo a estrada das linhas bem escritas e contadoras de fatos, histórias, versões.

E nesta edição que celebra dois anos, muitas boas histórias contadas, até em ensaio, sobre a vida e a obra de Zila Mamede, a poeta que recusava ser chamada de poetisa. Bibliotecária que deu nome à biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É voltar ao tempo com a matéria que conta a invasão malsucedida de Lampião e seu bando à cidade de Mossoró, onde a coragem do seu então prefeito, com a ajuda da população, resultou na expulsão do cangaceiro e na morte de um dos seus mais cruéis seguidores, Jararaca, que, reza a lenda, jogava crianças para cima e aparava com o punhal. Hoje é reverenciado como santo milagreiro e seu túmulo visitado por crédulos. E de Mossoró tem a história do banqueiro Sebastião Gurgel, bisavô do empresário Flávio Rocha, presidente das Lojas Riachuelo. De tempos áureos, a estreita Rua Professor Zuza, no Centro de Natal, amarga hoje sinais da insegurança que aterroriza a capital.

A matéria de capa conta a história do sucesso empresarial da Família Gentil na gestão de franquias, graças à ousadia e intuição do patriarca Antônio, que resolveu mudar radicalmente a vida profissional após 24 anos de trabalho na Camisaria União, onde começou como office boy e chegou a sócio. Hoje ele compartilha a gestão das suas empresas com os filhos e prepara a Governança Corporativa para a chegada dos novos herdeiros. Você sabe o que é Crowdfunding? A jornalista Juliana Holanda narra experiências de sucesso dessa nova forma de alcançar apoios para projetos pessoais e empresariais. Mulher na política, uma deficiência que deixa o Brasil na lanterna mundial. Nosso colunista de turismo, Octávio Santiago, mostra as atrações nada convencionais para curtir o Rio de Janeiro. De Milão, Jean Rocha's informa sobre o maior evento do mundo que aborda alimentação e nutrição.

Esta edição traz também boa matéria sobre o Morro do Careca - liberar ou não a subida no mais famoso cartão postal de Natal? Detalhes de um bar muito peculiar dedicado ao rei Roberto Carlos. Tem festas que abalaram Natal e Brasília, e do túnel do tempo, que resgata os festejos de 50 anos do empresário José Bezerra Júnior-Ximbica. Na seção Artigo, a juíza do Trabalho Maria Rita Manzarra não poupa o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), a quem afirma que "tem imprimido um ritmo frenético à Casa e atuado como verdadeiro rolo compressor nos assuntos que o seu presidente elege como prioritários". Em moda, Larissa Soares dá dicas bacanas para o Dia dos Namorados. E mais. E boa leitura!

Eliana Lima

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

SITE DA REVISTA
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
portaldaaabelhinha.com.br

E-MAIL
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br
contatobzzz@gmail.com

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORAS ASSISTENTES
ANDREA LUIZA TAVARES,
MARINA GADELHA

REVISÃO
REGINA COSTA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ALICE LIMA, CARLOS DE SOUZA, GUSTAVO SOBRAL, JANAÍNA AMARAL, JEAN ROCHA'S, JULIANA HOLANDA, LARISSA SOARES, MARINA GADELHA, OCTÁVIO SANTIAGO, ROBERTO CAMPELLO, THIAGO CAVALCANTI, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
ARQUIVO DA FAMÍLIA

FOTOS
ANDRÉA LUIZA TAVARES, JOÃO NETO, FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA, PAULO LIMA

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

oBoticário

Mulheres são
o perfume do mundo.

boticario.com.br/mulheresqueperfumam



Floratta

Transforme o mundo à sua volta



70

Turismo

O Rio de Janeiro como
você nunca viu

AJUDA

30 Crowdfunding

Entenda o financiamento
coletivo pela internet

CURIOSIDADE

64 Bar do Rei

Em Natal, um bar é
exclusivamente dedicado ao
Rei Roberto Carlos

MODA

86 Namorados

Presentes criativos para o
Dia dos Namorados

Assine a Revista Bzzz

(84) 9920 7494
revistabzzz@portaldabelhinha.com.br

MEMÓRIA
A história de um homem que mudou o Brasil

DESCASO
A história de um homem que mudou o Brasil

MANSÃO
A história de um homem que mudou o Brasil

MISTÉRIO
A história de um homem que mudou o Brasil

ALECRIM
A história de um homem que mudou o Brasil

SEXÓLOGOS
A história de um homem que mudou o Brasil

OPINION

ERRARIO

EDUARDO CAMPOS
EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, O PRÉ-CANDIDATO DO PSB À PRESIDÊNCIA FALA SOBRE DILMA, AÉCIO NEVES, WILMA DE FARIA, FÁTIMA BEZERRA E INFLAÇÃO NO BRASIL

f /revistabzzzrn
t @revistabzzz
i @revistabzzz

Aproveite o melhor de Cotovelo e Pirangi.
O SEU LITORAL O ANO INTEIRO



No litoral sul, 365 dias se transformam em um roteiro repleto de ricas belezas naturais, muita diversão e tranquilidade. Viva momentos inesquecíveis nas mais belas praias do país. Conheça o Maior Cajueiro do Mundo. Sinta a sensação de mergulhar nos Parrachos de Pirangi. Tudo com o conforto dos melhores hotéis e pousadas da região, além do sabor de uma culinária única.

**Parnamirim**
Crescendo com a gente.



ELIANA LIMA

Com colaboração de Camila Pimentel, de Brasília



NON GRATA

Eduardo Cunha (PMDB) não chegou aos seis meses na presidência da Câmara e o seu jeito de administrar tem incomodado, até, deputados. Nos corredores da casa já não é raro se ouvir em conversa de parlamentares a alcunha de “Dom Eduardo I”, o imperador, e de “Eduardo Mussolini”, uma referência ao ditador italiano Benito Mussolini.

BEIJINHO NO OMBRO

Certamente que Eduardo Cunha já tomou conhecimento dos comentários. E pelo dar de ombros, o peemedebista não se sente atingido. Tanto que não abre mão de colocar em pauta a votação da maioria penal. Assunto que divide a casa Legislativa.

RENOVAÇÃO

Por falar na Câmara dos Deputados, os elevadores da casa estão sendo trocados aos poucos. Por isso, os dias de terça e quarta-feira são de caos, reclamam funcionários e visitantes. Filas e mais filas se formam no acesso aos gabinetes. Mas, alguns deputados, quando se deparam com a cena, oferecem carona nos elevadores privativos dos parlamentares. Já outros não dão nem tchuns e sobem sozinhos no elevador, enquanto muitos aguardam em filas por um elevador dos pobres mortais.

DESÂNIMO

Ainda de Câmara Federal, muitos, vários, servidores estão solicitando aposentadoria. A corrida aconteceu após Eduardo Cunha exigir o ponto eletrônico na casa.



SEM MILHAS

As viagens dos deputados também entraram na tesoura do intrépido presidente. Muitos iriam para o Japão no final de maio, participar de uma missão no parlamento jovem, mas Cunha marcou a votação da reforma política para a mesma data. Resultado: 17 parlamentares desistiram de participar do evento em Tóquio.

“AH!”

Os adicionais noturnos, que antes eram três por semana, agora só podem dois, nas terças e quartas.

OPA!

Talvez pelas medidas nada populares, enquanto se fala em shopping parlamentar, Eduardo Cunha, que quer ficar mais quatro anos no comando do segundo poder do país, está se esbarrando em dificuldades para tramitar a PEC da reeleição.

PENSANDO BEM...

O governo federal e o Congresso Nacional economizaria milhões por ano se as milhas das passagens aéreas, pagas pelos brasileiros contribuintes, em vez de irem para as contas dos usuários, fossem para os cofres públicos.

POIS BEM

Os movimentos sociais ainda não alertaram para esse dispêndio. Na ausência de regulamentação, a conta vai para o bolso de todos. A demanda de milhas disponíveis é tanta que há muito se formou um mercado paralelo de compra e venda de milhagens.

ENQUANTO ISSO

Em 2007, o deputado Augusto Carvalho, então pelo PPS do Distrito Federal, apresentou o PL 544 para que o benefício fosse convertido em descontos para a União. Não demorou muito e foi arquivado. Em 2011, conseguiu, depois de muito solicitar, o desarquivamento. Mas foi arquivado novamente no dia 31 de janeiro deste ano, por Eduardo Cunha. E o deputado, hoje no partido Solidariedade, pediu novamente, dessa vez em plenário o desarquivamento, no dia 9 de fevereiro.

Antonio Barbosa da Silva



MOEDAS

Em 2008, em meio ao sumiço de pontos das companhias aéreas nos cartões dos parlamentares, que ficam com o benefício, apesar de ser bancado com dinheiro público, Augusto Carvalho aproveitou a deixa para informar que a administração direta federal gastava com passagens aéreas mais de R\$ 500 milhões, e que se o programa de milhagem fosse revertido aos órgãos representaria uma economia de pelo menos R\$ 50 milhões.

OLHAÍ

Presidente nacional do DEM, o senador potiguar José Agripino está mirando no eleitorado jovem. Quer chegar a esse público, levando em conta o efeito de 2014. Exemplo foi o programa político em que o democrata aparece falando sobre os projetos de startups.

CORO

Se o deputado-partidón-bonitón Rafael Motta (PROS-RN) pediu para ficar feio, quase conseguiu com a barba emaranhada que mudou seu rostinho que causa suspiros entre lulas e lolitas de plantão. Muitos são os apelos para ele se livrar do aspecto desleixado.

ARES

Potiguares que moram em Paris sugerem lugares descolados e ao mesmo tempo chiques na Cidade Luz. Um deles é o bar e restaurante Yeeels, onde a música aumenta depois do jantar e cria uma esfera de balada. Muito bem localizado, na Avenue George V, em frente ao belíssimo Four Seasons.



PARISIENSES

Com as margens do Sena em plena renovação, um dos lugares preferidos da consultora de moda Priscila de Meiroz-Grilo é o Faust, embaixo do Pont Alexandre III, com um terraço de dois mil metros quadrados. Fica lotado nas noites quentes. O restaurante segue estilo "brasserie vintage" e numa espécie de clube hip-hop se concentra uma tchurma chique e descolada.

ATMOSFERA

Priscila também não perde uma oportunidade de ir ao Nuba, belo clube de cobertura, com vista impressionante sobre o Rio Sena.

REFÉNS DO MEDO

Moradores e comerciantes de uma rua no Centro de Natal colecionam histórias de assaltos e violência. Alguns imóveis ainda têm a arquitetura original, mas, como forma de proteção, ganharam grades, cercas elétricas e câmeras de vigilância eletrônica

Por Roberto Campello
Fotos: Andréa Luiza Tavares



A RUA PROFESSOR ZUZA, no bairro de Cidade Alta, zona leste de Natal, está inserida no coração do Centro da capital potiguar. Com pouco mais de um quilômetro de extensão, teve tempos áureos, quando o bairro era habitado pela elite natalense. Entre os seus moradores ilustres, um foi o poeta Nei Leandro de Castro. Hoje, a realidade é temerosa, diante da insegurança que impera e o abandono por parte do Poder Público.

Os moradores colecionam histórias de assaltos. A comerciante Maria Risomar, 54, por exemplo, que sempre morou no Centro, comenta que familiares, amigos, vizinhos e ela mesma já foram vítimas da violência que assola a região. Há quatro meses se mudou para uma casa na Rua Professor Zuza – seu endereço anterior era Rua Gonçalves Ledo, também na Cidade Alta. No térreo da residência funciona o seu negócio, um atelier/bazar e um restaurante. Para se proteger da insegurança, teve que transformar o comércio em uma verdadeira fortaleza, com grades por todos os lados, que até assustam os clientes, mas não inibem a ação dos criminosos.

“Temos que improvisar como podemos. As grades são necessárias, embora estetica-

mente não sejam muito atrativas. Os clientes ficam receosos em entrar, mas é a única forma que temos para nos sentirmos seguros. Por onde passamos, ouvimos e colecionamos as histórias de assaltos, seguidos de violência, que assolam a nossa cidade e as ruas vizinhas daqui”, desabafa a comerciante.

Outra ação para tentar se livrar da sensação de desamparo é o toque de recolher, marcado diariamente para as 17h. “Não podemos ficar abertos depois desse horário. O risco é grande e não podemos dar bofeira”, explica Maria Risomar. Ela conta que vez por outra passa uma viatura policial na área, mas ressalta que não é suficiente para inibir a ação dos assaltantes.

A poucos metros do comércio de Risomar mora uma família que foi vítima de assaltos. Por medo de represália, não quis se identificar. A dona de casa conta que os bandidos já têm hora certa para atuar na região: 7h e depois das 18h. “Eles são espertos, não agem todos os dias. Roubam durante uma semana, somem e depois voltam, mas são sempre as mesmas pessoas, dois homens em uma motocicleta, armados e violentos”, conta. “Já não temos tanto medo porque, infelizmente, os assaltos se tornaram rotina na nossa rua”.



Rua histórica atualmente abriga medo e violência



Maria Risomar tenta proteger loja dos assaltos constantes

Mudança de hábito

Pedro Abdias tem um mercadinho na Rua Professor Zuza há seis anos. Ele é mais um na vasta lista de vítimas. Há dois anos seu estabelecimento foi arrombado e o prejuízo somou mais de três mil reais. Meses atrás, sua esposa foi vítima de assalto dentro do comércio, por volta das 17h. Diante disso, o comerciante mudou o horário de abertura do local. Passou de 6h às 19h para 7h às 18h. “São duas horas a menos e isso fez diminuir muito as vendas, mas é melhor do que arriscar ficar aberto até mais tarde e o prejuízo ser maior”, diz.

O mercadinho de Pedro Abdias fica localizado em frente ao Sindicato Intermunicipal dos Vigilantes do RN. Porém, nem

mesmo a presença constante dos profissionais de segurança privada na sede consegue inibir a ação de criminosos. O coordenador do sindicato, Francisco Benedito, conta que os vigilantes não são responsáveis por fazer segurança pública, mas sim a particular. Apesar disso, sempre que há assalto na região os moradores recorrem primeiramente ao órgão em busca de socorro.

“Não podemos fazer nada. O que fazemos é acionar a Polícia Militar. A insegurança hoje está em todos os lugares e faz com que a procura por vigilância privada seja um dos setores que mais crescem no país, principalmente pelo fato de o Estado não conseguir resolver o problema da segurança

pública. Estamos em quase todos os locais. Hoje, é mais fácil ver um vigilante do que ver um policial”, afirma o sindicalista.

Auxiliar de serviços gerais, Irisdiana Batista tem 40 anos e mora na Rua Professor Zuza desde que nasceu. Ela lembra com saudades do tempo em que se podia brincar de forma segura. “Hoje a situação está muito diferente, não podemos deixar nossos filhos brincarem na rua por conta da violência. Sinto saudades daquela época em que a nossa preocupação era que não chegasse a hora de acabar com a brincadeira, mas hoje a brincadeira nem existe mais. Somos reféns do medo dentro de nossas casas e nem assim estamos seguros”, lamenta.

Dados

Apesar da insegurança e das constantes histórias de assaltos, os números da Secretaria de Estado da Segurança Pública e da Defesa Social (Sesed), por meio da Coordenadoria de Informações Estatísticas e Análises Criminais (Coine), apontam que houve uma redução no número de furtos e roubos na Cidade Alta no primeiro quadrimestre de 2015, se comparado ao mesmo período do ano passado. O banco de dados do Centro Integrado de Operações em Segurança Pública (Ciosp) do RN destaca que houve redução de 18,3% na ocorrência de roubos na região e uma redução de 21,1% no número de ocorrências de furtos.

A secretária da Sesed, delegada Kalina Leite, afirma que a Polícia Militar tem empreendido esforços para reduzir a criminalidade no Centro da cidade, com a intensificação do patrulhamento móvel e a pé nas áreas consideradas críticas, com maior número de ocorrências. A secretária lembra que a falta de infraestrutura, como iluminação precária e políticas públicas voltadas para a juventude, têm impactado negativamente nas ações já desenvolvidas pelas forças policiais do Estado.



Vista do comércio de Pedro Abdias, que já foi assaltado duas vezes



Francisco Benedito, coordenador do SINDSEGUR



Irisdiana Batista, moradora veterana



Cercas, câmeras e grades ainda não garantem a segurança na rua

Tempos áureos

O escritor e poeta Nei Leandro de Castro saiu da cidade onde nasceu, Caicó, região potiguar do Seridó, aos cinco anos de idade, para morar em Natal. O endereço da nova residência era a Rua Professor Zuza, no ano de 1945. Lá ele morou até 1961. Relembra com saudade dos bons tempos. “A Rua Professor Zuza era tranquila, muito agradável de se morar. A atração daquela região era a Rua Apodi, um areal que começava na Avenida Rio Branco e terminava nos morros do Tirol. Minhas primeiras recordações da infância são de Natal, apesar de ter nascido em Caicó, principalmente na Rua Professor Zuza, a primeira que morei aqui”, conta.

O escritor lembra que a “rua era muito estreita, nela não havia espaço para se jogar pelada ou brincar de Capitão de Campo Amarra Negro. Os jogos e brincadeiras pesadas eram feitos no areal da Rua Apodi”. Recorda ainda que na Rua da Estrela, que cruzava a Prof. Zuza, os meninos se reuniam em torno de Pedro Bala, “um contador de histórias maravilhoso”. Segundo ele, Pedro Bala assustava os meninos, que não conseguiam dormir à noite remexendo os causos contados. “Mas, na noite seguinte, todos estavam lá outra vez em Pedro Bala”, relata.

Rememora o “rei da rua”. “O nome dele era Totinha. Ele conquistou seu reino à base de murros. Brigava bem, batia em todo mundo, era um tirano de pés descalços e braços nus. Quando amanhecia com o Cão no couro, Totinha ficava de plantão na esquina da Professor Zuza com a Felipe Camarão e impedia pessoas de passarem por ali”, conta, saudoso.



Nei Leandro de Castro relembra os bons tempos da Professor Zuza



Imóveis abandonados aumentam o clima de insegurança

Algumas residências ainda conservam o estilo clássico



Mulher e POLÍTICA

Apesar dos direitos conquistados, mulheres ainda representam menos de 10% na Câmara Federal

Por Alice Lima
Fotos: Divulgação

CHATAS, ENCRENQUEIRAS E DESOCUPADAS são alguns dos adjetivos atribuídos às mulheres que têm o rótulo de feministas. Em tempos modernos, levantar a bandeira dos direitos do público feminino é algo visto, em grande parte, como uma necessidade superada que, por sua vez, já teria alcançado patamares limites. A realidade, no entanto, apresenta um cenário oposto em setores relevantes, como a política. No Brasil, a primeira mulher a votar, a mossoroense Celina Guimarães, conseguiu o seu título de eleitora em 1927. Seis anos depois, em âmbito federal, a mulher passou a poder votar e ser votada. Apenas em 2010 a primeira presidente do País foi eleita e os números dos resultados dos pleitos não avançam com o passar dos anos. Elas continuam representando menos de 10% das vagas para deputados federais, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Se os detalhes do dia a dia e as raízes machistas incomodam a população feminina, as diferenças a que as mulheres políticas na América Latina são submetidas chamam atenção e impressionaram a professora doutora Luciana Panke, que leciona na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e são objeto do seu livro “Campanhas para mulheres – desafios e tendências”, escrito em espanhol e resultado do seu pós-doutoramento, realizado no México. Para a obra, foram entrevistados consultores de 12 países, políticas de 13 nações, além de spots de 21 campanhas latino-americanas.

O livro investigou como são tratadas as mulheres inseridas no meio político, as dificuldades enfrentadas, assim como os perfis que apresentam, de acordo com seus contextos, para chegarem às eleições. As entrevistadas revelaram situações como o co-

mentário de um deputado a uma colega parlamentar que uma boa política precisa saber cozinhar, ou a falta de investimento dos partidos, que prometem verbas para as campanhas que não são cumpridas. A mídia, por sua vez, segundo relatos e levantamentos, destaca aspectos que pouco importam à administração pública, como a roupa que uma candidata está usando, em detrimento de assuntos mais relevantes e de interesse público.

Panke pesquisa eleições há muitos anos, mas é a primeira vez que estuda gênero em profundidade. Ela se pergunta como não viu essa discrepância antes. “Eu via que existia menos mulheres, mas via com mais naturalidade, sendo que não é natural”, reflete. A expectativa é que a versão em português seja lançada em 2016 com mais entrevistas com mulheres políticas brasileiras.

Cenário

De acordo com um estudo publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU-Mulheres), em 2014 havia nove chefes de Estado mulheres e 15 primeiras-ministras. Ruanda é o país do mundo com o maior número de parlamentares do sexo feminino, com 63,8% da Câmara composta pelo público. Por outro lado, o documento mostra

que há 37 países onde as mulheres representam menos de 10% do total nos parlamentos.

Na América Latina, Cuba é o país com maior participação e está em terceiro lugar mundial. Dos 612 lugares no parlamento, 48,9% estão ocupados por mulheres. Em seguida, a Nicarágua aparece com 42,4% e Equador com 41,6%. Entre 188 nações, o Brasil

é o 156º no que se refere à representação da mulher no Poder Legislativo. O eleitorado brasileiro é composto, em sua maioria, pelo gênero feminino (52,13%). Nas eleições de 2014, o número de candidatas aptas que disputaram o cargo deu um salto bastante expressivo, chegando a 1.765, contra 935 em 2010. Isso corresponde a um aumento de 88,77%.

Histórico

Em 1997, a Lei das Eleições (Lei nº 9.504/1997) passou a prever a reserva de vagas para a participação feminina nos cargos proporcionais – deputado federal, estadual e distrital e vereador. Em 2009, com a sanção da Lei nº 12.034 (a primeira minirreforma eleitoral), essa participação passou a ser obrigatória. O novo texto, que consta do parágrafo 3º do art. 10 da Lei 9.504, estipula que sejam preenchidas (e não apenas reservadas) “as candidaturas com o mínimo de 30% e o máximo de 70% de cada sexo”.



Pingue-pongue

Apesar dos direitos conquistados, como a mulher está inserida na política hoje?

Em vários países há uma presença simbólica da mulher, não uma presença efetiva. Há uma grande distância de tempo entre o ano em que mulher pôde votar até quando a primeira foi eleita. Isso é um indicativo dessa política partidária, representativa, uma política muito voltada para a presença do homem. Mesmo depois que são eleitas, falta também ter voz dentro do poder, ter representatividade. As políticas que entrevistei me falaram muito sobre as restrições que não estão tão evidentes. Elas sofrem o que a gente chama de violência simbólica. Por exemplo: grupos de parlamentares marcam reunião para decidir certas votações em jantares, lugares informais, onde as mulheres ou não eram convidadas ou não podiam ir por acumular o papel de mãe e nem sempre seus maridos estavam dispostos a assumir a tarefa para as mulheres se destacarem profissionalmente.

Na maioria dos casos, como é a relação das políticas com seus partidos?

Uma das grandes reclamações das mulheres é que muitas não são respeitadas dentro dos partidos. Tive relatos de pessoas que ingressam nas siglas e são convidadas a ser aquela que vai servir o cafezinho, que vai cuidar da organização da sede, não a mulher que vai ser a líder ou indicada para ser candidata, lembrando sem-

pre das exceções, que são absoluta minoria. E mesmo quando ela é uma opção como candidata, é a última da lista. No Brasil, a situação é vergonhosa, menos de 10% do quadro político composto por mulheres entre os piores da lista da América Latina.

O fato de ter uma presidente mulher não melhora a perspectiva no Brasil em relação a essa representação?

Ter uma presidente mulher resulta em mais visibilidade à questão da mulher na política. No entanto, ela como líder sofre críticas que acredito que um líder homem não sofreria. Recebe adjetivações, por exemplo, relacionadas à roupa que veste, questionam se ela emagreceu ou engordou. O que isso importa para a gestão pública? Nada. Mesmo dentro do partido, se a gente fizer um estudo do que os jornais falavam sobre o ex-presidente Lula vai notar que se dedica muito mais tempo a analisar a estética dela que a deles (homens).

Qual o perfil mais aceito da mulher política?

A mulher maternal e a guerreira, sobretudo a primeira. A figura da mãe é muito valorizada na América Latina. Não se pode generalizar porque eu notei que Uruguai e Argentina já têm perfis diferentes, pois valorizam mais a questão da mulher profissional e contemporânea. São mais avaliadas pela capacidade de gestão e liderança. Nos países da América Central e

alguns pontos aqui no Brasil essa questão da mãe, “a mulher que cuida e protege” é muito forte. Parece uma espécie de maternalismo, como existia o paternalismo antes. Apesar de Dilma ter o estilo mais ‘durão’, ela aparece muitas vezes como a ideia de “mãe do Brasil”, sobretudo nos discursos de Lula, que a denominou como “a mãe do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento)”. A guerreira é valorizada, mas junto com o aspecto emocional, como, por exemplo, o slogan “Dilma, coração valente”. Juntam a característica da luta com a delicadeza feminina, o cuidar, o que chega a ser meio contraditório. Em relação à origem, observei que há três origens macro: a primeira é relacionada à família com tradições em governos. Outra forma são as mulheres líderes em suas profissões, que as levam à liderança política. A outra forma é o movimento sindical, que são as mais confundidas com as feministas chatas, que veem como se o feminismo fosse o oposto do machismo.

Em uma campanha, é importante ressaltar a questão do gênero?

Quando uma mulher chega para ser candidata não deveria existir essa necessidade de se afirmar como mulher, o corpo já diz isso. Não deveria ser necessário porque essas afirmações contínuas reforçam o estereótipo e o preconceito. Eu me questiono se isso é válido, mostrar-se um pouco como vítima. No entanto, no eleitor pode surgir um sentimento de identificação e levá-lo a



Luciana Panke descreve em seu livro os desafios das mulheres na política

dar um voto de confiança. Só entendo que as vezes há um exagero em algumas campanhas que colocam a questão do gênero em primeiro lugar. O que importa deveria ser a capacidade. Nesse sentido, acho que as mulheres têm que se ajudar. Não precisa sempre defender a questão de “ser mulher” como se esse fosse o diferencial determinante.

Quais caminhos poderiam levar a uma maior participação feminina na política?

A mudança precisa ser cultural. Enquanto a sociedade como um todo não vê a presença da mulher na política como algo natural, o espaço igualitário, é muito difícil ter mudança. É algo a longo prazo. Por exemplo, cota é uma ação afirmativa que eu acho que deveria ser temporária, porque se elas sempre existem, que ações nós vamos ter no decorrer para mudar comportamentos e culturas? A cota parece, muitas vezes, um favor, que impede que

vejam a capacidade que a mulher tem, assim como o homem. Capacidade independe de gênero. As escolas precisam rever material didático, conceitos de família – que não precisa ser pai, mãe e filhos – precisam ser modificados, devemos aceitar sexualidades distintas, permitir a queda nas diferenciações. O mundo ideal seria por aí. No mundo prático, ações simples que começam, sobretudo, na escola.



MORRO PROIBIDO



Mais famoso cartão postal de Natal, o Morro do Careca foi um dos maiores atrativos da cidade entre moradores e turistas ávidos por subidas ao topo para apreciar a espetacular paisagem natural. Mas, o sobe-desce foi proibido em nome da preservação. Mesmo assim, nada foi feito para retomar a vegetação perdida. Enquanto isso, aguarda-se a aprovação para transformar a área em “Monumento Natural”

Por Adriana Brasil

Fotos: Andréa Luiza Tavares e Canindé Soares



DUNA DE 120 METROS de altura, margeada pela vegetação de Mata Atlântica, o Morro do Careca, localizado no extremo sul da praia de Ponta Negra, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, é uma das paisagens mais conhecidas do País. Até meados da década de 90, banhistas e turistas escavam a faixa calva de areia clara da duna, cercada de vegetação (daí o nome do Morro), e desciam a pé ou no brinquedo “skibunda” (pequena prancha de madeira). Até que, no fim dos anos 90, o acesso ao mais famoso cartão postal da cidade foi suspenso sob a alegação de preservação ambiental. Hoje o local está inacessível a visitantes, mas faltam políticas de preservação à estrutura.

O famoso morro sofria com apontados fatores como o crescente fluxo turístico (o atrativo da escalada), o comércio de ambulantes no local, o lixo, além de razões naturais, como um estudo da dinâmica da duna e adjacências que indicou mudança no sentido da corrente eólica, responsável pelo ressuprimento de areia da duna. Em síntese: o morro estava perdendo areia, altura e com a vegetação comprometida. Incêndios perniciosos também afetavam o local. Por essas razões, o Poder Público tomou uma medida drástica no dia 12 de setembro de 1997.

O acesso ao morro foi proibido, em uma ação judicial impetrada pelo Ministério Público Federal do RN contra o Município de Natal, a União, o Instituto de Desenvolvimento Econômico do meio Ambiente do RN- Idec (hoje Idema) e a então Fundação do Meio Ambiente do Natal (ECO Natal). Na época, uma ação conjunta por parte da União, Estado, Município e sociedade foi exigida para “salvar o Morro do Careca”, além da construção de uma cerca com estacas de cimento e arame liso em toda a formação dunar.

Atualmente, a área em que se encontra o Morro do Careca está sob domínio do Ministério da Aeronáutica, em uma zona que integra a Barreira do Inferno. São os militares os responsáveis pelo patrulhamento interno da região.

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo de Natal (Semurb) é incumbida de proteger a área externa do morro, para impedir invasões, além de fazer as ações de licenciamento ambiental e planejamento: “A legislação federal se sobrepõe à legislação estadual e municipal. O morro está dentro de uma área de operações militares. A Semurb atua no patrulhamento externo daquela região”, informa Marcelo Rosado, titular da secretaria. A fiscalização do local é feita pela Companhia Independente de Proteção Ambiental (Cipam), vinculada à prefeitura.

No plano estadual, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (Idema) tem a responsabilidade de atuar no monitoramento e preservação do local, especificamente as imediações externas: “Atuamos em conjunto com as Forças Armadas na manutenção e preservação do local. É de nossa responsabilidade a manutenção da cerca instalada na base da duna”, informa Rondinelle Oliveira, diretor-geral do Idema.

Por conta do desgaste das marés e o tempo, a cerca deteriorou e caiu no final de fevereiro deste ano. Mesmo com a intervenção, o morro permanece como cartão postal mais lembrado da cidade e é motivo de contemplação diária por potiguaras e visitantes. Os retardos políticos da classificação da área como um Monumento Natural ou programas e estudos específicos, de ênfase à relevância turística, ambiental e econômica do Morro do Careca, deixam a suspeita de que este parece ser esquecido.



No caminho para o Morro do Careca, esgoto na orla



Poluição destoa das belezas do cartão postal mais famoso da cidade



Placa avisa sobre o acesso proibido ao morro



Marcelo Rosado detalha a atuação da Semurb na proteção ao Morro

ZONEAMENTO AMBIENTAL

Em 1994, o Plano Diretor de Natal dividiu a capital em dez Zonas de Proteção Ambiental (ZPA). A estratégia de zoneamento ambiental é preservar e recuperar a qualidade do meio, já que nas áreas se restringem o uso e ocupação do solo urbano. O Morro do Careca fica na ZPA-6. “A proposta é tornar o morro uma área de proteção permanente, a fim de se evitar as invasões e preservar aquela vegetação”, explica Marcelo Rosado. Embora inserido na ZPA, o Morro do Careca se encontra no status da indefinição. Isso porque as ZPA’s boiam em um lento processo de regulamentação. No momento, a proposta se encontra em análise na Procuradoria Geral do Município (PGM). A próxima etapa é ser examinada pelo Executivo, e, em seguida, na Câmara dos Vereadores. Sem pressa, sem prazo.



Ponta Negra na década de 30

LIBERAR OU NÃO?

Quase 18 anos se passaram após a interdição do Morro do Careca. As opiniões divergem sobre a liberação do acesso ou do aproveitamento comercial do local. Titular de Turismo do Estado, o secretário Ruy Gaspar acredita que a atração pode ser economicamente aproveitada. “No passado, eu escalei o Morro do Careca. Penso que as outras gerações não devem ser privadas disso. Claro, podemos estudar meios para que turistas e banhistas possam desfrutá-lo sem trazer prejuízos ao meio ambiente”, afirmou. Questionado sobre como aproveitar a duna sem

danificar a natureza, explicou que existem “projetos muito bons, parte deles de autoria do saudoso ambientalista Eduardo Bagnoli, que propõe, inclusive, trilhas ecológicas próximas ao Morro do Careca”, destacou.

Pensamento semelhante tem o ex-secretário municipal de turismo de Natal, Fernando Bezerril: “Sou a favor da preservação, mas podemos valorizar projetos que fomentem a economia potiguar. Um teleférico poderia ser viável, imagine como seria maravilhoso. Essas e outras propostas devem ser estudadas, com tempo e apuro”, opinou.



Praia do Alagamar, segundo Eduardo Bagnoli área ideal para a prática de nudismo

PRAIA DE NUDISMO

Propostas de revitalização do Morro do Careca e áreas adjacentes agradam secretarias ligadas ao turismo. Ideias como as do geólogo e empresário Eduardo Bagnoli, falecido em 2010, são exemplos de enaltecimento das belezas locais atreladas ao estímulo da economia. Projetos contemplam a construção de equipamentos de lazer e turismo na região, tais como uma escadaria suspensa e um teleférico de pequeno porte na lateral do morro, vizinho à Vila de Ponta Negra.

Também na concepção de Bagnoli, à época, a Praia do Alagamar, por trás do Morro do Careca, seria transformada em um espaço para a prática do naturismo, sendo o acesso permitido apenas em jangadas dos pescadores de Ponta Negra, garantindo a esses emprego e renda.

Todas essas aplicações, no entanto, esbarram nas determinações dos órgãos ambientais. O acesso ao Morro do Careca continua proibido e não voltará ao usufruto da visitação pública, afirmou o diretor-geral do Idema, Rondinelle Oliveira.

Se assim prevalecer, o Morro do Careca permanecerá apenas como uma paisagem para encher os



Rondinelle Oliveira, diretor-geral do Idema

olhos, enquanto saudosos ficam com as recordações dos bons tempos de escalada. O bairro Ponta Negra, onde fica o famoso cartão postal, concentra hotéis, restaurantes e diversos outros pontos comerciais, que disputam espaço para proporcionar, ao menos, uma fatia da inigualável e bela vista do morro.

A CERCA

A antiga cerca cedeu no final de fevereiro deste ano, devido ao avanço do mar. O Idema fez a retirada dos destroços e no início de março abriu processo para a reconstrução do equipamento. Mais de três meses depois, os “trâmites burocráticos” ainda não viabilizaram a recolocação. “O processo retornou da Procuradoria Geral do Estado no dia 15 de maio e foi para a Coordenação de Planejamento Orçamentário, na Secretaria de Planejamento e Finanças do Estado (Seplan), onde

já foi aprovada a parte orçamentária e feito o despacho para o Conselho de Desenvolvimento do Estado (CDO), que foi analisado e aprovado”, informa Cristiane Macedo, assessora de imprensa do Idema. A nova cerca começou a ser instalada na noite do último dia 10 de junho. Com 99 metros de extensão, a madeira, do tipo maçaranduba veio do estado do Pará, transportada em varões de 4 metros. O material foi licenciado e beneficiado.

A estrutura visível terá 1,80

m de altura e está sendo afixada em uma base de concreto, com 2,20 m de extensão enterrada. Dentro da base, estacas de madeira do tipo maçaranduba, com 15 x15 cm de lado. O material terá tratamento impermeabilizante. Presos à madeira, sete cabos de aço inox galvanizados e revestidos com PVC, para evitar os danos causados pela erosão. Duas placas de orientação ainda serão instaladas, para orientar visitantes e banhistas quanto à proibição do acesso ao morro.



Guardas impedem subida ao Morro

CROWDFUNDING

A campanha que transforma sonhos em realidade



Por **Juliana Holanda**
Fotos: Divulgação

ESTAR SEM DINHEIRO NÃO é mais desculpa para deixar de fazer um projeto ou de realizar um sonho. Pelo menos é isso o que as campanhas de financiamento coletivo, ou crowdfunding, têm ensinado às pessoas.

Baseada na filantropia, a iniciativa consiste em arrecadar fundos para viabilizar um projeto. A ideia não é nova. Há mais de um século que orquestras filarmônicas são financiadas por amantes da música, por exemplo. A proposta foi ampliada e atualmente esse tipo de arrecadação é feito em diversas áreas, desde a saúde à educação.

Com o surgimento da internet e das redes sociais, o financiamento coletivo ganhou uma dimensão global. O grande volume de campanhas levou à criação de sites específicos de doação para projetos diversos e as pessoas começaram a enxergar possibilidades de concretizar ideias.

A iniciativa é simples. Primeiro é preciso ter uma proposta interessante. Depois, deve-se decidir uma estratégia de divulgação e escolher se o crowdfunding utilizará páginas específicas ou redes sociais, como o Facebook. Com isso organizado, é só divulgar a campanha e fazer que o maior número de pessoas conheça seu projeto.

Há vários tipos de crowdfunding. Os mais comuns são o “tudo ou nada” e o “fica com tudo”. No primeiro, o criador da campanha só recebe as doações se atingir o valor total pedido, dentro do período

de tempo planejado. Já o “fica com tudo” repassa a verba doada independente do percentual arrecadado.

Os dois modelos possuem vantagens e devem ser escolhidos de acordo com o caráter do projeto. Uma campanha para ajudar vítimas de uma enchente, por exemplo, seria mais adequada dentro do estilo “fica com tudo”, pois qualquer doação pode ser direcionada a um fim adequado. Já a gravação de um disco pode ser inviabilizada caso o crowdfunding não arrecade toda a quantia necessária.

Pensando nisso, o cantor e compositor do grupo Bandavouu, Carlos Filho, criou uma campanha do tipo “tudo ou nada” para financiar o novo disco da banda. “Desde o início tudo foi construído de maneira coletiva, da criação à apresentação e à escolha de repertórios de show e do disco”, conta o artista.

Criada em 2011, a banda-voou é destaque no cenário cultural de Pernambuco e já participou de importantes eventos nacionais e internacionais. O músico explica que o grupo tinha ganhado uma parte do valor em prêmios conquistados em festivais durante o ano de 2014, mas ainda precisava de dez mil reais para realizar a gravação. Após quatro meses de campanha, a banda conseguiu toda a quantia necessária. “Construímos uma obra junto com as pessoas que têm interesse em nossa arte”, avalia Carlos Filho.

O disco intitulado “Nó” está sendo produzido e deve ser lançado no primeiro semestre de 2015. “O que de fato importa é o poder de concretização das ideias que temos. Recomendando a todos buscarem formas de realizar seus sonhos e atualmente o crowdfunding é uma excelente e acessível ferramenta”, afirma o cantor.



PC Silva e Carlos Filho contaram com ajuda dos fãs para financiar o disco da banda

Por que fazer um crowdfunding?

As pessoas que passam pela experiência de um financiamento coletivo consideram que o processo é um aprendizado pessoal. Coragem é a característica que melhor define a personalidade de quem decide fazer uma campanha. “Devemos aproveitar as oportunidades que a vida oferece”, afirma a jornalista e professora universitária Carolina Cavalcanti.

Em 2014, a professora fez uma campanha com amigos e familiares para publicar sua dissertação de mestrado em formato de livro. Carolina diz que a ideia surgiu durante a defesa de seu trabalho por sugestão dos profes-

res da banca. “Tive que lidar com uma ansiedade monstruosa porque não sabia se daria certo”, confessa.

Deu certo. A estratégia foi vender cópias do livro de forma antecipada. Quem comprasse receberia sua edição quando a editora entregasse o material. Com a venda, Carolina conseguiu não apenas financiar a publicação do livro como também organizar um lançamento, onde ela convidou as pessoas que haviam colaborado.

Hoje, o livro “A cobertura Internacional do Jornal Nacional: Correspondentes, enviados especiais e usos de tecnologias” está à venda em todo



Carolina Cavalcanti, jornalista e professora

o País e pode ser adquirido pelo site da Editora Insular ou em eventos da área de comunicação. “Fiquei muito feliz com o resultado. Foi uma grande conquista”, considera a jornalista.

Eu também fiz um crowdfunding*

Em março deste ano recebi uma proposta irrecusável. Ganhei uma bolsa de estudos para fazer um curso na Inglaterra. Era a oportunidade de passar cerca de um mês estudando na Universidade de Exeter, uma das dez melhores do Reino Unido. Além disso, o tema do curso é minha área de interesse e está ligado ao mestrado que faço atualmente.

No entanto, a bolsa era parcial e cobria pouco mais da metade das taxas da Universidade. Escrevi para empresas e universidades em busca de patrocínio. Poucas responderam. A empresa que demonstrou mais interesse sugeriu um crowdfunding.

Acreditando na força da coletividade e com boa dose de coragem, coloquei o crowdfunding Juliana Holanda no ar. Criei uma página no Facebook,

expliquei a proposta e convidei meus contatos. Para garantir a transparência, publiquei um relatório financeiro semanal, descrevendo doações e gastos. Os amigos foram extremamente generosos: tanto em relação aos valores, quanto ao interesse em ajudar e participar.

Em onze semanas, tempo limite para arrecadar o dinheiro das passagens e das taxas da universidade, consegui a quantia necessária. As doações responderam a 2/3 do total da viagem, pois assumi que os gastos de estada em Exeter seriam minha responsabilidade. Como forma de retribuir as contribuições, mantive a campanha no ar para compartilhar informações sobre o curso e imagens da viagem. O que mais desejo é que meu crowdfunding sirva como incentivo para o surgimento de outros.



*Juliana Holanda é jornalista formada pela Universidade Federal de Pernambuco, com mestrado em Jornalismo Internacional pela City University Londres. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Dez ensinamentos que aprendi com o financiamento coletivo:



1

Parece incoerente, mas, como sempre defendi, dinheiro não é tudo. Mesmo sendo uma campanha para arrecadar dinheiro, há várias formas de ajudar. Divulgar, falar palavras de incentivo e torcer para que tudo dê certo fazem parte do sucesso da campanha.



3

Desconhecidos também estão interessados em ajudar.



5

Você aproveita cada etapa do caminho.



7

Você se torna mais grata à vida pelas amizades que construiu nas diversas fases da vida.



9

Você entende que as pessoas são capazes de fazer a diferença no mundo.

2

As pessoas que te ajudam (em qualquer das formas) são as mesmas que te ajudariam em outros momentos da tua vida.



4

Você deixa de se sentir um pedinte da internet quando percebe que você faria o mesmo por quem está te ajudando.



6

Você aprende a lidar com o sentimento de vergonha quando entende que o que você está fazendo requer coragem.



8

Você se torna mais grata à vida por tudo que conquistou.



10

Você continua a acreditar que vale a pena lutar pelos seus sonhos.

Foi na então pacata cidade de Mossoró, no Oeste potiguar, que Lampião e seu bando foram expulsos por bravos moradores, sob o comando do prefeito Rodolfo Fernandes, que, ao lado do tenente Laurentino, organizou o plano de resistência aos cangaceiros. A história da derrota vai ganhar as telas do cinema

A EXPULSÃO DE LAMPIÃO

Por Juliana Holanda



O bando de Lampião deixou rastro de sangue por onde passou



Derrota de Lampião vira manchete



José Leite de Santana, o temido Jararaca

O DIA 13 DE junho é dedicado a Santo Antônio, o santo “casamenteiro”. Pela tradição nordestina, é dia de rezar, acender fogueiras e fazer simpatias para atrair o amor. Mas, em 1927, a população de Mossoró não pôde reverenciar o santo. Foi o dia em que Virgulino Ferreira, o famoso Lampião, e seu bando de cangaceiros tentaram invadir a cidade. Na época, Mossoró vivia um cenário de crescimento econômico que gerou ganância em Lampião. O temido “rei do cangaço” arquitetou o ataque ao município, mas não contava que os moradores do local, sob o comando do prefeito Rodolfo Fernandes e do tenente Laurentino de Moraes, iriam organizar a defesa e vencer a luta.

A aventura dos cangaceiros começou em Aurora, no Ceará. Em três dias, o grupo formado por cerca de 90 homens armados passou pela Paraíba e pelo oeste do Rio Grande do Norte até chegar a Mossoró. O bando deixou um rastro de violência por onde passou. “Lampião foi responsável pelos primeiros sequestros no Rio Grande do Norte”, informa o escritor e pesquisador Rostand Medeiros, que começou a estudar a passagem de Virgulino Ferreira pelas terras potiguares durante o projeto “Pegadas de Lampião”, realizado com o Sebrae em 2009.

Uma das táticas de Lampião era provocar medo em suas vítimas. Por isso, um dia antes do ataque a Mossoró, mandou uma carta para o prefeito Rodolfo Fernandes informando sua intenção de invadir a cidade e propondo um acordo: o pagamento de 400 contos de réis, para não entrar no município. A quantia pedida foi dez vezes maior do que Lampião costumava cobrar em ocasiões semelhantes. O cangaceiro ficou espantado quando seu pedido foi rejeitado e enviou outra carta. Mais uma vez, o dinheiro foi negado. Lampião perdeu a paciência. O ataque ia começar.

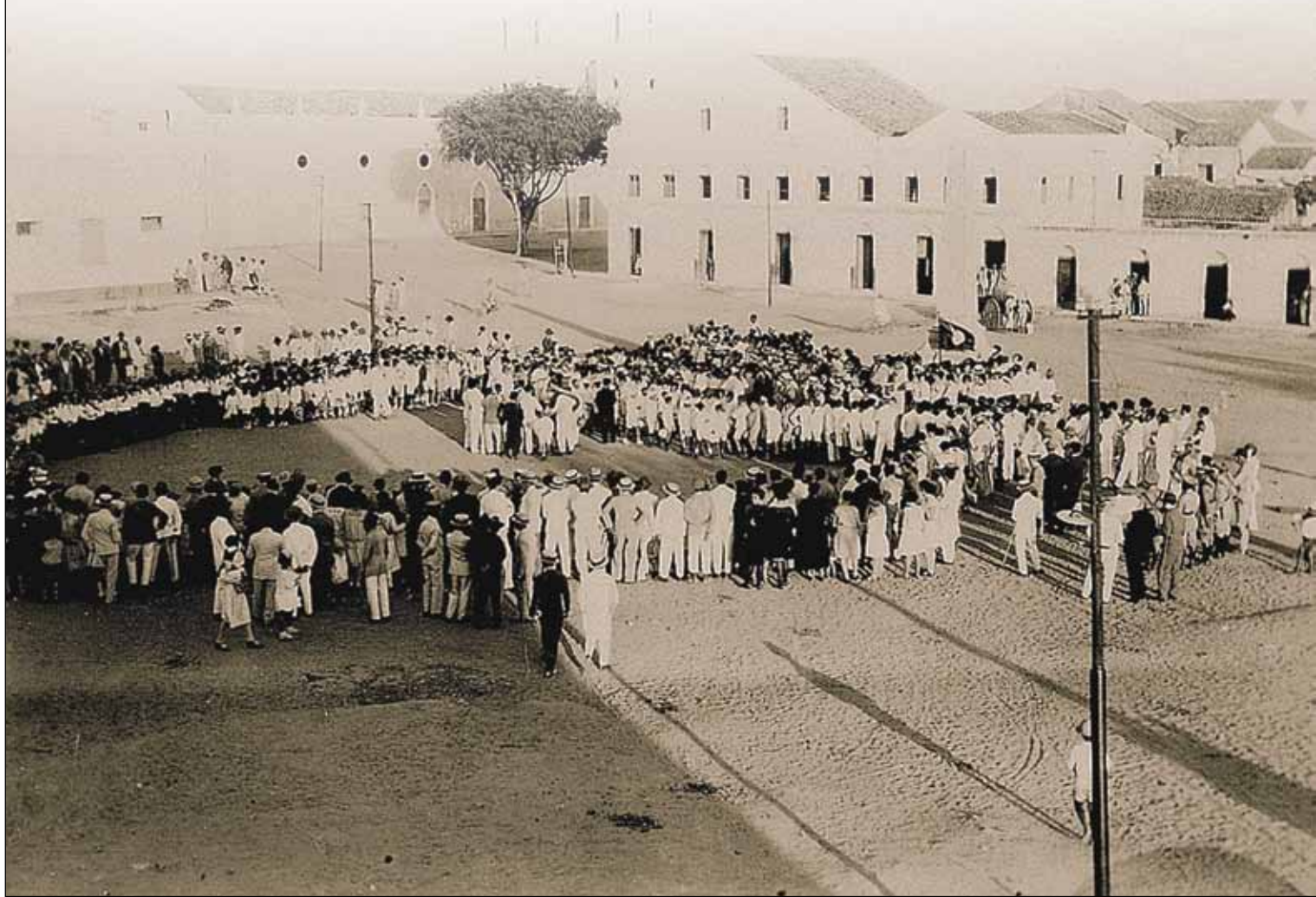
A “resistência”

A batalha em Mossoró entrou para a história como a “resistência”. O prefeito Rodolfo Fernandes e o delegado, tenente Laurentino de Moraes, organizaram a defesa com cerca de cinquenta voluntários. A estratégia dos mossoroenses foi esvaziar a cidade e posicionar os homens armados em pontos altos e estratégicos, como as torres das igrejas.

Na tarde do dia 13 de junho, os cangaceiros entraram no município. Os bandidos foram surpreendidos pela “resistência”. Conta-se que até São Pedro mostrou que estava

do lado dos mossoroenses e resolveu ajudar mandando chuva para atrapalhar a visão dos bandidos, que estavam lutando a céu aberto, enquanto os resistentes encontravam-se posicionados dentro de prédios.

Colchete foi o primeiro cangaceiro atingido e morreu no combate. Outra vítima importante foi Jararaca, bandido famoso pelas atrocidades cometidas junto a Lampião. O tiro acertou os pulmões de Jararaca, deixando-o gravemente ferido. Encurralado, o bando resolveu fugir. Mossoró estava a salvo.





Monumento ao Cangaço e à Resistência de Mossoró

Orgulho potiguar

Os cinquenta civis, conhecidos como os resistentes de Mossoró, conseguiram expulsar os bandidos em cerca de uma hora e meia. Essa foi a primeira derrota dos cangaceiros e é considerada um divisor de águas para Lampião e seu bando.

Devido à ousadia da investida, a fama do Virgulino, anteriormente limitada ao Nordeste, difundiu-se por todo o País. Com isso, a perseguição ao grupo aumentou, levando à deserção de muitos fora-da-lei e à morte do temido “rei do cangaço” 11 anos depois.

Ainda hoje as marcas do confronto podem ser vistas em Mossoró. Os tiros que acertaram



Lampião e seu bando após a derrota em Mossoró

o campanário da Igreja São Vicente de Paula, onde ficaram homens responsáveis pela defesa, permanecem visíveis para manter viva na memória dos mossoroenses a coragem do seu povo.

O fracasso do bando de

Lampião no Rio Grande do Norte é motivo de orgulho para os potiguares. “A população de Mossoró merece respeito por ter conseguido organizar uma defesa cívica tão vitoriosa”, destaca Rostand Medeiros.



Túmulo de Jararaca, um dos homens mais temidos do bando de Lampião

A morte de Jararaca

José Leite de Santana, conhecido como Jararaca, foi atingido no conflito e ficou gravemente ferido. O bandido passou cinco dias na cadeia pública de Mossoró. Natural de Buíque, sertão de Pernambuco, tinha 26 anos. Era um dos homens mais temidos do bando de Lampião, com fama criada em torno de lendas. Segundo uma das mais famosas histórias, ele jogava crianças para cima e aparava os corpos na queda com a ponta do facão.

Durante sua prisão, o cangaceiro virou atração em Mossoró. Curiosos visitavam a cadeia apenas para ouvir histórias sobre o bando de Lampião. Em uma dessas visitas, ocorreu a famosa entrevista de

Jararaca para Lauro da Escóssia, repórter do jornal O Mossoroense. A morte do cangaceiro é cercada de incertezas. A versão mais comum é que Jararaca foi enganado e levado para o cemitério. Lá chegando, foi ferido, teve as pernas quebradas para caber na cova e foi enterrado ainda vivo.

A versão da truculência praticada pela polícia e a morte violenta sem direito a julgamento transformaram Jararaca em um mártir. Todos os anos, no dia de Finados, o túmulo do cangaceiro é o mais visitado no cemitério de Mossoró. As pessoas acreditam que Jararaca virou santo. Em sua homenagem organizam romarias, fazem pedidos e pagam promessas.

Chuva de Bala no País de Mossoró

A expulsão do bando de Lampião foi transformada no espetáculo teatral “Chuva de Bala do País de Mossoró”. A atração faz parte da programação oficial do São João de Mossoró desde 2003 e conta com cerca de 80 atores. A produção é apresentada ao ar livre no adro da Igreja de São Vicente, cenário real da luta entre mossoroenses e cangaceiros.

Há 11 anos, o espetáculo é dirigido por João Marcelino e baseado no texto do poeta e dramaturgo mossoroense Tarcísio Gurgel. A peça é considerada uma das principais atrações juninas da cidade.



Cena do espetáculo “Chuva de Bala no País de Mossoró”



Documentário resgata a história de Lampião, o rei do Cangaço

História vira documentário

A tentativa de invasão a Mossoró, evento histórico conhecido como “resistência”, vai ganhar as telas do cinema. O ataque é tema do documentário Chapéu Estrelado, dirigido pelo cineasta Silvio Coutinho, com lançamento previsto para 2016.

As gravações do filme foram realizadas entre abril e maio de 2015, durante 13 dias. Quase 88 anos após o ataque dos cangaceiros à chamada capital do Oeste, a equipe refez o mesmo percurso do bando de Lampião para filmar o primeiro longa-metragem sobre o episódio. “Foi perrengue”, lembra Rostand Medeiros, utilizando uma expressão regional. “Passamos por áreas de difícil acesso que eram muito secas e quentes”, descreve.

O Cangaço faz parte da história e da identidade da região Nordeste e as filmagens permiti-

ram que a equipe resgatasse a memória de um dos episódios mais marcantes do movimento. “Esta foi minha primeira experiência com cinema e foi emocionante”, conta Medeiros, que foi um dos produtores do filme.

A aventura dos documentaristas começou na cidade de Aurora, no Ceará, passando pela Paraíba e pelo oeste do Rio Grande do Norte, até encerrar em Limoeiro do Norte, município cearense onde os cangaceiros se refugiaram após a derrota. Para recontar a passagem de Virgulino Ferreira por terras potiguaras, a equipe se baseou no livro “Lampião e o Rio Grande do Norte: a história da grande jornada”, escrito por Sérgio Dantas.

O filme também apresenta documentos e depoimentos de pessoas que conviveram com

contemporâneos do Cangaço. “O relato oral é uma característica muito forte do sertão nordestino. As pessoas tinham o costume de se reunir com familiares, amigos e vizinhos em frente às suas casas para contar histórias”, conta Rostand Medeiros.

Além do escritor e pesquisador, a equipe de produção do documentário foi formada pelo jornalista e diretor do Festival de Cinema e Vídeo de Natal, Valério Andrade, e pelo médico, escritor, pintor e presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, Iaperi Araújo.

A estreia do documentário Chapéu Estrelado será realizada em Natal em 2016 e vai contar com a presença de todos os que gravaram depoimentos para resgatar a história da passagem de Lampião pelo Rio Grande do Norte.



O Banqueiro de Mossoró

Sebastião Fernandes Gurgel era filho de fazendeiros na cidade de Caraúbas, mas foi em Mossoró que trilhou caminho de sucesso no comércio e fundou a Casa Bancária S. Gurgel, primeiro banco privado da região. Além de ter forte participação na vida social mossoroense, escreveu um diário cujas anotações foram transformadas em livro. Trata-se do bisavô do empresário Flávio Rocha, presidente das Lojas Riachuelo

Por Marina Gadelha

Fotos: Arquivo e livro "Delmiro Rocha – História, Origem e Descendência"

NO INÍCIO DO SÉCULO XX, um homem visionário deixou a vida pacata e farta na fazenda da família em Caraúbas, interior do Rio Grande do Norte, para buscar outros caminhos na cidade de Mossoró. Foi no segundo maior município do estado que Sebastião Fernandes Gurgel se aventurou no mundo dos negócios e, apesar da pouca instrução, chegou a criar o primeiro banco privado da cidade. Também foi na chamada capital do Oeste que o empreendedor casou-se com Elisa Diniz Rocha, e com ela criou os seis filhos, Judilita, Maria José, Sebastião Filho, José, Raimundo e Francisco Mauro da Rocha Gurgel. Apesar da extensa família e dos negócios para administrar, Sebastião ainda encontrava tempo para escrever em seu diário particular, cujas páginas foram transformadas em livro e servem de fonte para pesquisas de acontecimentos importantes na história de Mossoró e do Brasil.

Nascido no dia seis de fevereiro de 1889 na fazenda “Baixa Fria”, em Caraúbas, Sebastião mu-

dou-se para Mossoró em julho de 1910, onde criou a firma S. Gurgel & Cia., um grande empório de tecidos vendidos em atacado e a varejo. O filho Raimundo Gurgel, hoje com 91 anos de idade, lembra que na época a empresa abastecia o comércio do Rio Grande do Norte e da Paraíba, e para atender ao mercado promissor seu pai fazia constantes viagens de navio até o Rio de Janeiro. Foram em média 25 idas e vindas à Cidade Maravilhosa, partindo sempre de Areia Branca, na região da Costa Branca.

“O negócio ia além de tecidos, pois meu pai trazia todo tipo de mercadoria para vender aos clientes: louças, ferragens, materiais de construção, entre outros. Recordo, inclusive, que uma vez ele trouxe dois mil sapatos franceses”, diz o quinto filho do empreendedor que manteve esse ramo de atividade por longos anos, mesmo depois da enchente do Rio Mossoró, em 1924, quando seu estabelecimento foi ameaçado de desmoronamento. Após o ocorrido, Sebastião “reformou todo o prédio da Rua Vicente Sabóia e Praça Rodolfo Fernandes, reinaugurando

com pomposo acontecimento para a cidade”, narra Fernando Diniz Rocha no livro “Delmiro Rocha – História, Origem e Descendência”, escrito em parceria com o pesquisador Misherlany Gouthier.

Na década de 1940, o comerciante decidiu inovar mais uma vez e assumiu o posto de banqueiro com a fundação da Casa Bancária S. Gurgel, inaugurada em 1º de maio de 1942. Permaneceu à frente do negócio até 1960, quando se mudou para Natal e passou os últimos anos de sua vida. Raimundo ficou no lugar do patriarca e deu continuidade à administração do empreendimento que surgiu a partir da credibilidade depositada pelos mossoroenses em Sebastião. “Ele era 100% honesto e cultivava a estima da comunidade. Muitos entregavam suas economias para meu pai administrar, com o tempo esse dinheiro avolumou-se e levou à criação da casa bancária, que depois foi transformada em banco por medida da Superintendência da Moeda e do Crédito, hoje Banco Central do Brasil”, compartilha o herdeiro.





Casa Bancária S. Gurgel, em 1946

Os anos de funcionamento foram prósperos, tanto que em 1970 abriram uma filial em Natal, na Avenida Princesa Isabel, Cidade Alta. O ato foi considerado pioneiro, pois antes mesmo de algum banco da capital chegar ao interior, o S. Gurgel instalou-se no centro da capital potiguar. Na mesma década, a empresa foi vendida para o Banco Econômico S/A, natural da Bahia, que desejava expandir os negócios para o Rio Grande do Norte. Após a venda do negócio familiar, Raimundo Gurgel manteve o trabalho de banqueiro na cearense Credmus S/A. Ele foi o único a seguir a carreira do pai, enquanto os outros irmãos rumaram para outras profissões. Sebastião Gurgel Filho, por exemplo, formou-se em Direito e ocupou o cargo de procurador do Estado do RN, enquanto Francisco Mauro tornou-se médico.



União Caixaerial, em 1954

Vida pública

O comerciante e banqueiro participou ativamente da vida social mossoroense desde que começou a morar no município. Nos primeiros dias após a mudança, associou-se ao Instituto Literário 2 de Julho, e em agosto de 1910 tornou-se membro do Tiro de Guerra de Mossoró, que tinha como objetivo proporcionar instrução militar à classe de comerciantes. No mesmo mês do ano seguinte, participou da fundação da Sociedade da União Caixaerial, que assistia social e educacionalmente os comerciantes locais. A entidade também foi a primeira instituição de ensino superior profissionalizante de Mossoró, com a Escola Técnica de Comércio União Caixaerial, fundada em 1935, destinada à formação exclusiva de técnicos em Contabilidade. Hoje em dia, o antigo prédio da União Caixaerial, na Praça da Re-

denção, abriga a Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte.

O empresário ainda foi presidente da Associação Comercial e tesoureiro do Hospital de Caridade de Mossoró, cargos que somados aos restantes o levaram a uma posição de destaque na sociedade da época. A popularidade e boa imagem junto aos mossoroenses levaram o também militante político à Câmara Municipal, onde cumpriu pelo menos três mandatos de vereador. Em 1948, candidatou-se a prefeito de Mossoró, mas perdeu as eleições para Dix-Sept Rosado. Já a esposa, Elisa Rocha Gurgel, foi pioneira do processo de conquista dos direitos da mulher pelo voto feminino, ao lado de Beatriz Leite de Moraes, Maria Silvia de Vasconcelos e Celina Guimarães Viana – primeira eleitora do Brasil e primeiro voto feminino da América Latina.



Catetinho antes e agora: espera-se que o prédio seja transformado em shopping popular

Catetinho

Quem passa pela casa 98 da Praça Bento Praxedes, em Mossoró, até hoje pode ver os traços arquitetônicos originais da construção de 1918, erguida por Sebastião Fernandes Gurgel, que morou no imóvel com a família durante alguns anos e o vendeu em 1929 ao comerciante Miguel Faustino do Monte. Quando ainda era propriedade deste último, o casarão abrigou o então presidente Getúlio Vargas e sua comitiva em 13 de setembro de 1933, durante visita de dois dias a Mossoró, período em que foi instalado na cidade o Governo Provisório da República do Brasil. A partir daí o palacete foi batizado de “Catetinho”, em alusão ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, à época

sede do Governo Federal.

A casa passou para as mãos da família Rosado em 1945, ano em que foi adquirida por Dix-neuf Rosado. Foi lá que o novo dono morou até seu último dia de vida, em 20 de abril de 1986, e onde a esposa Odete permaneceu também até a sua morte, em outubro de 2012. Em matéria publicada Bzzz de dezembro de 2013, o repórter Thiago Cavalcanti lembrou o incêndio que destruiu o casarão em 12 de janeiro de 2000. “Ao ser consultada sobre onde iria querer morar, a matriarca Dona Odete foi enfática: ‘quero continuar morando no mesmo endereço, se for preciso usem todas as minhas economias para reconstruir o Catetinho’. Pedido feito,

pedido aceito. Os filhos contrataram uma construtora e foram quatro meses de obras, dia e noite sem parar. Toda a parte externa da casa foi inalterada, o resto foi reconstruído, o mais próximo do original”, detalha.

O Catetinho ganhou um novo proprietário no ano passado, o empresário Almir Silveira, que pretende abrir um shopping popular mantendo o estilo arquitetônico da construção centenária. Em visita ao imóvel no dia 16 de maio, a jornalista Lúcia Rocha fez registros do início das obras que foram embargadas pela fiscalização ambiental da prefeitura de Mossoró. Por enquanto, o futuro do empreendimento ainda é uma incógnita.

Multiplicadores de riqueza

A veia comercial de Sebastião foi disseminada para as novas gerações, a exemplo do bisneto Flávio Rocha, presidente das lojas Riachuelo, cuja mãe Eliete era filha de Judilita e neta de Sebastião. Ela casou-se com o primo Nevaldo, filho de Paulina Rocha, a qual era irmã de Elisa Rocha. Ambas eram filhas do comerciante Delmiro Alves da Rocha Maia, natural de Catolé do Rocha, na Paraíba, de onde precisou ir embora por causa de tensões políticas. Contraparente do patriarca Jerônimo Rosado, Delmiro buscou abrigo em Mossoró e montou um grande comércio na cidade. Também na terra de Santa Luzia, adentrou na carreira política e assumiu dois mandatos de vereador. Para emaranhar ainda mais essa teia de parentescos, vale destacar que os sobrenomes Alves e Maia presentes no nome dele são, de acordo com o pesquisador Misherlany Gauthier, os mesmos do senador José Agripino.

O tino para o comércio, portanto, foi passado do avô Delmiro para o neto Nevaldo, que saiu da cidade-natal Carauabas com destino ao Recife, onde começou a trabalhar no ramo de confecções. Depois, mudou-se para Natal e iniciou a

vida como empresário em 1947, quando fundou sua primeira loja de roupas chamada “A Capital”, no bairro da Ribeira. Em outubro de 1956, Nevaldo e o irmão Newton Rocha fundaram o Grupo Guararapes, inicialmente uma pequena confecção de vestuário que se expandiu até se tornar a maior da América Latina.

Atualmente, a Guararapes possui cerca de 35 mil colaboradores e produz quase 185 mil peças por dia, totalmente

comercializadas pelas lojas Riachuelo, outro negócio próspero da família que está presente em todos os estados do País. Também proprietário do Midway Mall, o maior shopping de Natal, Nevaldo Rocha é apontado pela revista Forbes como um dos homens bilionários do Brasil. O império construído por ele segue para os filhos Flávio, Élvio e Lisiane, herdeiros do empreendedorismo entre gerações, passando dos bisavôs para os netos e bisnetos.



Flávio Rocha, bisneto de Sebastião, com seu pai, Nevaldo Rocha

Amor e generosidade

Honesto, pacato e amoroso são palavras que resumem as qualidades de Sebastião Gurgel aos olhos do filho Raimundo. Em casa o patriarca era maleável, cultivava um casamento feliz ao lado de Elisa Rocha e preocupava-se com a educação dos descendentes. Ele próprio não tinha muito estudo, mas gostava de ler jornais e livros, assim como ir ao teatro e ao cinema, costumes que o tornaram um homem bem instruído. “Meu pai sempre dizia que ganhava mais que um general, mas não tinha a segurança de possuir um diploma, por isso nos incentivou a estudar”, afirma o sucessor do grande banqueiro que “não era Midas, mas onde colocava a mão fazia o negócio prosperar”, complementa.

A generosidade era outro ponto forte de Sebastião, que ao lado de Elisa encaminhava os parentes para a educação e o trabalho. No livro sobre Delmiro Rocha, escrito por Misherlany Gouthier juntamente com o neto do personagem, Fernando Diniz Rocha, há relatos de que o casal Rocha Gurgel ajudou a família em tempos difíceis. “Elisa e Tião Gurgel foram verdadeiros protetores dos Diniz Rocha até o início de suas atividades comerciais, independentemente”, citam os autores.

Em outra página, Fernando Rocha compartilha que Elisa era

uma grande mulher, considerada uma verdadeira matriarca pela maneira protetora e fundamental com que cuidava dos irmãos e se preocupava com o futuro deles. “Além da pessoa que era, teve na família a sorte advinda do seu casamento com o comerciante e posteriormente banqueiro Sebastião Gurgel, próspero que ao lado da companheira agiu beneficentemente, engrandecendo aos demais familiares pelo encaminhamento na vida social e educativa dos parentes. (...) O sucesso dos Diniz Rocha se deve, em grande parte, à ajuda benevolente do casal Sebastião e Elisa”, ressalta.

Raimundo Gurgel adiciona que a família da mãe era humilde, por isso ela costumava dizer que só se casaria com “homem de loja”, ou seja, alguém que tivesse melhores condições financeiras. Além de concretizar o seu desejo, Elisa ainda teve a sorte de viver um relacionamento harmonioso ao lado de Sebastião. “Meu pai era de um temperamento brando demais. Não levantava a voz, ao contrário da minha mãe, que era mandona. Ele era um verdadeiro ‘manicaca’. Inclusive, na mesa da sala de jantar não era meu pai quem sentava na cabeceira, e sim ela”, recorda o filho do casal. Elisa faleceu em 1968 e Sebastião ainda viveu mais alguns anos. Em 1972, ele partiu para reencontrar o seu grande amor.



Sebastião Gurgel, Elisa, Mariinha, Emílio Castelar e Delmiro Filho, no Rio de Janeiro



Sebastião Gurgel Filho, esposa Suzette e as filhas Sara e Suzana

Memórias imortalizadas

Aos 11 anos de idade, o ainda menino Sebastião começou a escrever acontecimentos do dia a dia em um diário pessoal. Os anos passaram e o hábito continuou, às vezes com um longo tempo de pausa, mas sempre que encontrava tempo e coragem lá estava ele escrevendo as ocorrências das mais simples às mais graves, desde um tratamento dentário até a ameaça dos cangaceiros em Mossoró. Além de narrar fatos históricos do Brasil e do mundo, Sebastião registrava os detalhes da sua vida, como a mudança para Mossoró, o casamento com Elisa, o nascimento dos filhos e a criação da Casa Bancária S. Gurgel. Cada anotação revelava uma nova página de histórias, questionamentos, conquistas e costumes sociais.

Durante a pesquisa de informações para o livro que escrevia, sobre o Banco do Brasil, o pesquisador e ex-bancário Obery Rodrigues tomou conhecimento desse precioso diário, que estava em posse de Ronald Gurgel, neto de Sebastião. As anotações chamaram a sua atenção pela riqueza de detalhes que faziam desses relatos “um documento valioso para a história de Mossoró”, afirma. Obery informou a existência dos escritos a Vingt-un Rosado, que tinha uma fundação com seu nome em Mossoró e transformou o diário de Sebastião Gurgel em seis livros divididos por ano, abrangendo de 1900 até 1966.

O historiador Marcos Oliveira foi o responsável pela digitação dos

manuscritos juntamente com o tio, Raimundo Soares, e compartilha que o trabalho foi bem árduo. “Recebemos uma cópia com algumas partes difíceis de ler, além disso, tivemos que decifrar a letra de Sebastião e a ortografia da época”, compartilha. Entre as anotações que mais lhe chamaram atenção, Marcos cita as relativas a preços de mercado, além de informações sobre as chuvas no interior potiguar que revelam a situação socioeconômica da população em cada época. Sobre a vida pessoal ele destaca o carinho que Sebastião demonstra pela

família, com registros anotados na contracapa do diário de todos os nascimentos dos filhos e netos.

Para Marcos, a obra possui dados que envolvem cultura, sociologia e economia, principalmente das cidades de Caraúbas e Mossoró. “Esse material está disponível para sociólogos, antropólogos e historiadores entenderem o contexto de um indivíduo em determinadas circunstâncias, além dos hábitos sociais e os fatos históricos de Mossoró em diferentes épocas, desde a Primeira República até a era de Getúlio Vargas”, ressalta.



Marcos Oliveira enfrentou o prazeroso desafio de transcrever o diário de Sebastião

Trechos do diário de Sebastião Gurgel

"O courinho de bode está aqui a 2.300 réis, o de ovelha a 1.200, a rapadura do Cariri a 300 uma, o feijão a 200 réis o litro, o arroz a 160, a farinha a 200 (7 de julho de 1909)



"Convém assinalar nas minhas notas que sou muitíssimo bem casado, desafiando mesmo a quem quer que seja a prova que já troquei a minha palavra ou tive o mínimo desgosto de minha velha companheira" (21 de março de 1915)



"No dia 4 arrumei as minhas malas e fiz minhas despedidas; vi alguém chorar do ao apertar-me a mão, que tolice chorar por mim que vou tão satisfeito" (Julho de 1910, quando partiu para Mossoró)

"Em 1906 houve muito bom inverno, havendo muito legume e muito algodão. (...) O ano de 1906 foi muito cheio de desastres, revoluções, moléstias, etc. Os franceses apelidaram o ano de 1906 de "ano doido"



"Apesar de há muito tempo os homens daqui pedirem esmola ao Governo, ele ainda não mandou nada e continua a morrer gente de fome. É preciso que se saiba que houve agora na Itália um terremoto e o nosso governo mandou - para fazer figura - trezentos contos de réis para os flagelados de lá, deixando seus irmãos morrerem de fome. E viva a República! (31 de março de 1909)



gerações empreendedoras

Família Gentil construiu um negócio de sucesso na gestão de franquias graças à ousadia e intuição do patriarca Antônio, que hoje compartilha a empresa com os filhos e prepara a Governança Corporativa para a chegada dos novos herdeiros. Genuinamente potiguar, o grupo Gentil Negócios atua em seis estados e soma 70 pontos de venda, com planos de novas expansões

Por Marina Gadelha | Fotos: Arquivo



A genética empreendedora: Antônio, Glícia, Marluce, Glênia e Glauber

ENFRENTAR AS INCERTEZAS

É muito mais difícil do que ter a garantia de dinheiro todos os meses para o sustento pessoal. Os grandes empreendedores, no entanto, preferem abraçar o risco em vez da estabilidade e, no lugar do salário, optam pelo lucro. Esse desejo parte de pessoas ousadas como o empresário Antônio Gentil, que em 1982 resolveu mudar radicalmente a vida profissional após 24 anos, cinco meses e 14 dias de trabalho na Camisaria União, onde começou como office-boy e chegou a sócio. O comerciante pediu demissão para caminhar com as próprias pernas no mundo dos negócios, ajudado pela esposa Marluce, que junto a ele construiu um caminho bem-sucedido no seg-

mento de franquias. Hoje em dia o casal conta com o apoio dos três filhos, Glícia, Glênia e Glauber, e já recebe os primeiros netos na administração dessa empresa familiar de sucesso, genuinamente potiguar, que prepara um projeto de sucessão com vista em perpetuar a Gentil Negócios para as próximas gerações.

Quando Antônio abriu as duas primeiras lojas em Natal, adquiridas com a indenização trabalhista, contava com o apoio incondicional de Marluce e das filhas Glícia e Glênia, que ainda na transição da infância para a adolescência somavam forças ao trabalho dos pais. As irmãs e o caçula Glauber cresceram dentro desse ambiente empreendedor, sempre guiados e seduzidos

pelo pai visionário, que os incentivava a estudar e adquirir conhecimentos diferenciados para que, no futuro, pudessem agregar valores até então inexistentes nos estabelecimentos da família. Assim, Antônio investiu na melhor educação para os herdeiros e os encaminhou para experiências extrafronteiras, com direito a intercâmbio nos Estados Unidos, onde os três adolescentes vivenciaram períodos diferentes em cidades distintas. “Era 1984 e eu tinha 17 anos quando morei um ano na Pensilvânia. Lá conheci o franchising de grandes empresas como Mc Donald’s e Pizza Hut, enquanto aqui no Brasil esse modelo de negócio ainda engatinhava”, conta a primogênita Glícia.

Nessa mesma época, inclusive, Antônio Gentil já era franqueado, ainda que desconhecesse o termo. Tudo começou em Curitiba, onde o potiguar foi a uma premiação acompanhado da esposa. Lá eles receberam um presente O Boticário e Marluce ficou encantada pela colônia Acqua Fresca. Observadora e sensível ao que é de qualidade, a matriarca queria trazer mais um perfume para presentear as filhas. “Na verdade, eu queria levar para todo mundo”, confessou ao marido, que ficou curioso com o tamanho interesse da mulher e, movido pela intuição de empresário, sinalizou ao presidente do O Boticário, Miguel Krigsner, a vontade de comprar 300 colônias para comercializar em Natal. Assim, Marluce passou a revender Acqua Fresca no sistema porta a porta e também fornecia o produto a lojas multimarcas.

Enquanto isso, Glícia, Glênia e Glauber eram cada vez mais atraídos pela empresa familiar, para onde se dirigiam todos os dias depois da escola e onde ficavam durante boa parte das férias. Glênia lembra que geralmente todos viajavam juntos por uma semana, já o restante dos dias sem aula era dedicado ao comércio. “Tudo ficou muito próximo das nossas brincadeiras. Não víamos o trabalho como uma obrigação, pois achávamos gostoso estar na loja e nossos pais nos permitiam viver a experiência. Eles também nunca fizeram distinção entre negócios e família, suas conversas eram compartilhadas conosco e tínhamos a liberdade de falar, questionar, opinar. Assim, fomos seduzidos por esse mundo e não deixamos que nenhum outro nos envolvesse”, conta.

Moraes Neto



Família fundou as lojas Botton e trouxe franquias O Boticário para Natal



Antônio Gentil: visão estratégica contribui até hoje para expansão dos negócios



Antônio, Marluce e Miguel Krigsner, presidente do O Boticário



Decadência da Ribeira alertou para o progresso

Depois de adultos, os irmãos Gentil mergulharam de vez nos negócios e, ao passo que entravam na faculdade, assumiam um cargo na empresa. Glícia foi a primeira a passar no vestibular, para o curso de Administração, e no primeiro dia de aula começou a trabalhar. Como filha do dono, esperava ter uma mesa ao lado do pai, mas na verdade iniciou suas atividades no depósito que ficava nos fundos da loja. O mesmo aconteceu com Glênia e Glauber quando ingressaram nos cursos de Economia e Administração, respectivamente. Nenhum filho assumiu qualquer cargo sem que Antônio os tivesse testado em todos os demais onde poderiam atuar, dessa forma eles adquiriram a visão geral do negócio para liderar a partir da vivência.

Após o amadurecimento e a identificação com áreas específicas, a

segunda geração contribuiu cada vez mais ativamente com a gestão empresarial até chegar aos cargos desempenhados atualmente. A diretoria de Recursos Humanos e Marketing é

“

Ainda nos anos 1980 eu pensava que não queria ter uma empresa com vida curta.”

– Antônio Gentil

liderada por Glícia, o setor comercial é de responsabilidade de Glênia, enquanto Glauber está à frente dos departamentos financeiro, contábil e jurídico. Os três desempenham as áreas operacionais da empresa, o que

permite ao líder Antônio Gentil assumir uma posição mais estratégica, de olho nas oportunidades de mercado.

Foi analisando a realidade externa, inspirado no bairro da Ribeira, em Natal, que o patriarca despertou para a necessidade de preparar a Gentil Negócios para a sucessão. “Ainda nos anos 1980 eu pensava que não queria ter uma empresa com vida curta. Então, analisando a Ribeira, vi grandes companhias potiguares fecharem as portas e o próprio bairro, que antes abrigava 90% do PIB do Estado, ser abandonado e levado ao esquecimento. A partir desse cenário comecei a me questionar de quais atitudes seriam necessárias para que o mesmo não acontecesse com o meu negócio”, explica o empresário. O pensamento foi compartilhado com a mulher e os herdeiros, e todos despertaram para a necessidade de agir.

Caçula no comando

Em uma palestra promovida pelo O Boticário, os irmãos Glícia, Glênia e Glauber ouviram pela primeira vez conselhos importantes sobre sucessão familiar. Depois desse momento eles buscaram mais informações e tomaram as primeiras atitudes para planejar o futuro da empresa, entre elas a decisão de quem irá assumir o lugar do pai. Este sinalizou de antemão que gostaria de ver o filho homem na liderança, mas Glauber já tinha a consciência de que o novo presidente deve ser escolhido pelos sucessores e, por isso, só aceitou a determinação após o consentimento das irmãs.

Ao buscarem mais conhecimentos sobre sucessão, os herdeiros também passaram a enxergar os valores e as práticas que devem ser adotados para que a terceira geração saiba como perpetuar o negócio. “Nós entramos na empresa por necessidade, posso dizer até mesmo que por gravidade – fomos inevitavelmente atraídos e aqui ficamos. A terceira geração, no entanto, deve ser inserida de acordo com as competências. Afinal, a relação entre primos é diferente, por esse motivo exige conceitos mais sérios e regras de conduta mais bem definidas”, ressalta Glauber.



Glauber Gentil na Botton, um dos primeiros projetos da família



Para irmãs, escolha de Glauber para presidente foi feita com segurança e confiança

Consultoria da Price

Em uma orquestra, cada músico tem papel determinante. São vários os instrumentos, com seus sons diferenciados que, juntos e em harmonia, resultam em um espetáculo encantador para os ouvidos. Porém, para o sucesso desse conjunto é necessário seguir à risca uma mesma partitura, onde estão determinadas as próximas notas musicais que cada um deve tocar. Assim também deve ser nas empresas, defende Glauber, onde é preciso haver estratégias e regras a serem seguidas por todos os seus membros. Pensando nisso, a família Gentil deu início a um planejamento guiado pelas decisões tomadas no encontro anual “Convergente”, onde pais, filhos e netos se reúnem para discutir assuntos de interesse empresarial.

Na última edição desse brainstorming, em 2014, o caçula da segunda geração sugeriu a contratação de uma consultoria especializada em sucessão familiar para ajudá-los nessa empreitada. Todos concordaram e escolheram a empresa PriceWaterhouseCoopers (PwC), uma das maiores prestadoras de serviços profissionais no mundo que desempenha consultoria para grandes organizações brasileiras, como o Instituto Fernando Henrique Cardoso,



e realiza a auditoria externa da Petrobras. Há seis meses, a PwC analisa a Gentil Negócios em diversos ângulos para, de acordo

“

Isso não quer dizer que estaremos imunes a problemas, mas estamos tomando boas vacinas”.

– Glauber Gentil

com as conclusões do estudo, propor a Governança Corporativa baseada nas estratégias elaboradas com os gestores e em harmonia com a essência, os valores e a filosofia da empresa.

Governança Corporativa é o “sistema pelo qual as organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo as práticas e os relacionamentos entre proprietários, conselho de administração, diretoria e órgãos de controle”, segundo o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC). Ou seja, a iniciativa converte princípios em recomendações objetivas que alinham interesses para preservar e otimizar o valor da organização, além de facilitar o seu acesso ao capital e contribuir para a sua longevidade. O surgimento da Governança se deu em virtude dos conflitos inerentes à propriedade dispersa – que possui acionistas mais afastados da administração diária – e da divergência entre os interesses dos sócios, executivos, e da empresa.



Site ibcg.org.br oferece publicações gratuitas sobre Governança Corporativa

De acordo com o IBGC, os desentendimentos nas empresas brasileiras se intensificam à medida que elas crescem e novos sócios, sejam investidores ou herdeiros, passam a fazer parte da sociedade. “Neste cenário, a Governança também busca equacionar as questões em benefício da organização. Sua preocupação é, portanto, criar um conjunto eficiente de mecanismos, tanto de incentivos quanto de monitoramento, a fim de assegurar que o comportamento dos administradores esteja sempre alinhado com o melhor interesse da empresa”, esclarece o Instituto. Na Gentil Negócios, a PwC se fundamenta em oito pontos – propriedade, princípios, propósitos, papéis, poder, pessoas, práticas e perpetuidade – para elaborar uma Governança Corporativa alinhada ao momento atual, às aspirações e aos desafios do negócio nas dimensões familiar, societária e empresarial.

Quando o trabalho estiver concluído, a família terá em

mãos documentos importantes como o planejamento estratégico, um modelo de Governança, um acordo de acionistas além do contrato social, regras de entrada da terceira geração e um código de conduta mais bem elaborado para os gestores. Esse código influencia até mesmo nas decisões pessoais dos sócios, de modo a prevenir que suas ações interfiram negativamente na saúde empresarial. “Isso não quer dizer que es-

teremos imunes a problemas, mas estamos tomando boas vacinas”, resume Glauber Gentil. O alto investimento feito com a contratação da PwC, que chega à casa dos seis zeros, busca preparar a empresa para a terceira geração que pode optar ou não por participar dos negócios iniciados pelos avós. Um dos netos, Filipe Gentil, está dando os primeiros passos na administração do Habib’s, uma das franquias da empresa.



Antônio, Marluce e os netos Gabriela, Rafael, Daniel, Filipe e Giovana

Geração Y

Não é à toa a preocupação da família Gentil com o futuro do negócio nas mãos dos netos de Antônio. Em pesquisa divulgada no ano passado, a PwC revelou que os riscos na sucessão familiar são ainda maiores com os novos líderes da chamada “Geração Y” – nascidos depois dos anos 1980 – assumindo a cadeira antes ocupada pelos chamados “baby boomers”, estes nascidos logo após a Segunda Guerra Mundial, entre 1946 e 1964, de perfil muito distinto da nova geração. Realizada com mais de 200 prováveis sucessores dos negócios de famílias em 21 países, o levantamento analisa como essas empresas planejam a sucessão, como a próxima geração a enxerga e os desafios que todos os negócios familiares enfrentam durante esse processo.

De acordo com o estudo, levar o nome da família não é suficiente por si só para dar credibilidade ao novo líder, na verdade, muitos pensam que o fator hereditário se voltaria contra eles nesse sentido. A partir disso, 88% dizem trabalhar ainda mais do que outros para provar sua competência. Já 59% consideram que ganhar o respeito de seus colegas de trabalho é o maior desafio enfrentado. Assumir o cargo de CEO também não é mais automático devido ao crescente número de empresas familiares sendo preparadas para to-



Piti Reali

Carlos Mendonça, sócio da PwC Brasil

mar decisões difíceis. Dos jovens entrevistados, 73% disseram estar ansiosos para a execução do negócio algum dia, mas apenas 35% acham ser definitivo e 29% acreditam que é bastante provável que eles sejam os próximos CEO.

A pesquisa ainda constatou que há uma tendência, para alguns da geração mais velha, a superestimar o quão bem eles mesmos executam o negócio, enquanto tendem a subestimar a capacidade de seus filhos para fazerem isso de forma tão competente como eles fizeram. Carlos Mendonça, sócio da PwC Brasil e líder de empresas familiares da firma, diz que os membros da geração atual muitas vezes comentam que seus filhos não são empreendedores o suficiente e não estão preparados para

dedicar longas horas de trabalho. Por outro lado, os filhos desejam que seus pais abracem as possibilidades das novas tecnologias e sejam mais receptivos a novas ideias.

Mendonça conclui que as apostas são altas quando se trata de lidar com a sucessão, “especialmente quando você leva em conta que as empresas familiares representam 30% do total de negócios que valem bilhões de dólares em todo o mundo e entregam entre 70% e 90% do PIB global”. As empresas que gerenciam bem a sucessão são aquelas que planejam muitos anos à frente – de preferência com cinco a sete anos de antecedência – e promovem conversas sensatas que abordam os papéis, responsabilidades e timing das tomadas de decisões dos negócios.



Glênia e equipe O Boticário



Inauguração de franquia do Habib's em Parnamirim

Império

A Gentil Negócios é uma empresa especializada em gestão de franquias e varejo, criada em 2010 como consolidação de um modelo empresarial exemplar em estratégia de franchising na região Nordeste desde 1980, quando iniciou as vendas da O Boticário no sistema porta a porta. Com o passar dos anos, abriu novas lojas O Boticário em Natal e em 2006 já possuía 12 unidades. Nessa época surgiu a oportunidade de abrir mais oito franquias da marca em São Luís, capital do Maranhão, e para isso a família tomou a decisão de vender suas seis lojas Botton em Natal. A comprovação de que fizeram a escolha certa é vista claramente nos números atuais da empresa, que hoje em dia possui 48 lojas e sete centrais de serviços do O Boticário para atender ao mercado de venda direta em Natal e São Luís. A rede fornece produtos para 10 mil revendedoras em ambas as cidades.

Há três anos, o grupo se inseriu no ramo de alimentos com a franquia do Habib's e abriu a central de produção que fornece produtos alimentícios variados para restaurantes do Maranhão e Piauí. Logo após entrou na fase do multifranchising com a Quem Disse, Berenice?, lançamento do O Boticário, e percebeu que tinha potencial para atender mais operações. O momento coincidiu com a expansão da Swarovski para o Nordeste e a Gentil Negócios se ofereceu para administrar o negócio. "A marca não tinha modelo de franquia em qualquer lugar do mundo, mas apostou em nosso expertise e resolveu implantar o piloto da franquia Swarovski no Nordeste brasileiro", diz Glícia, toda orgulhosa de mais uma conquista familiar.



Loja Swarovski, inaugurada em Fortaleza, é a única loja com formato cubo de cristal no mundo

“

Ela [a mãe Ana Stela] nos dizia que em nossa casa só entraria o que fosse resultado do nosso trabalho”.

– Antônio Gentil

Atualmente a Gentil Negócios atua em São Luís, Natal, Teresina (PI), João Pessoa (PB), Recife (PE) e Fortaleza (CE). No total, são 70 pontos de venda e 700 colaboradores envolvidos em toda a estrutura de serviços do grupo que ainda prepara a abertura de um negócio próprio, a Porta a Porta Brasil, com o sistema de venda direta em Natal.

Responsabilidade social

Desde a década de 1990 que Antônio Gentil leva à população de Campo Grande, sua cidade-natal, localizada no Médio Oeste do Rio Grande do Norte, a oportunidade de aprender e crescer culturalmente. O município abriga o Instituto Gentil, onde crianças e adolescentes têm acesso a diversas atividades gratuitas desde que estejam matriculados na escola. Lá eles podem escolher entre os variados espaços e cursos: brinquedoteca, música, informática, pinacoteca, inglês, oficina de arte e artesanato, auditório, sala de fotografia, videoteca, museu e biblioteca – a primeira da cidade. Antônio não esconde a empolgação ao falar sobre o instituto e mostra com riqueza de detalhes cada pedaço da casa para a qual dedica boa parte de seu tempo, sempre ajudado pela companheira Marluce. “Eles o tratam como um filho, sentimos que temos mais um irmão”, brinca a filha Glícia, consciente da importância dessa iniciativa para a comunidade de 9.500 habitantes.

Os números estatísticos servem de termômetro do trabalho desenvolvido, conforme observa o patriarca Gentil, ao comparar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade no início do instituto e nos dias atuais. “Entre os 167 municípios do Estado nós ocupávamos a triste posição de 136°. Em 2000 subimos para



Filarmônica em apresentação

Oficina de Artesanato



Biblioteca

96° e agora ocupamos o 55° lugar”, destaca Antônio, que mobiliza o Poder Público e as demais instituições locais para alavancar Campo Grande ainda mais nesse ranking e levá-lo aos 40 primeiros. O fundador também apresenta planos de expansão para o projeto e comprou outro imóvel onde será montada a Casa da Música, com toda a estrutura necessária para as aulas e os ensaios da orquestra filarmônica. O espaço terá sala de música coletiva e individual, oficina de artesanato cujas produções serão vendidas na loja de produtos musicais, e um camarim “padrão Rede Globo”, promete o idealizador.

Todo o esforço para esse tra-

balho em Campo Grande é fruto da crença do empresário de que ocupação e renda superam qualquer ajuda, lição transmitida pela sua mãe Ana Stela, que mesmo sofrendo os impactos da seca não permitia a qualquer dos seus filhos receber alimentos de graça. “Ela nos dizia que em nossa casa só entraria o que fosse resultado do nosso trabalho, e esse ensinamento definiu o futuro de toda a família Gentil”, lembra. São esses valores e o exemplo de sua história de vida que Antônio busca disseminar entre os conterrâneos, para incentivá-los a se tornarem novos empreendedores por meio da informação e do conhecimento adquiridos no instituto.



ZILA

O ensaísta Gustavo Sobral descreve a vida e a obra daquela que foi uma das mais importantes poetisas e bibliotecárias brasileiras: Zila Mamede, a menina que nasceu na cidade paraibana de Nova Palmeira, município fundado por seu avô, e ainda criança foi morar na cidade potiguar de Currais Novos, e depois em Natal, no bairro do Tirol. Morreu levada pelas águas da Praia do Forte

Por Gustavo Sobral*

Fotos/Reprodução: Giovanni Sérgio

*Gustavo Sobral é ensaísta. Autor de *Arquitetura Moderna Potiguar* (2011) e *Petrópolis* (2014), entre outros. Mora e vive em Natal, esquina do continente, de onde observa o mundo

O MAR BATIA LÁ longe nos arrecifes que mura-
vam a praia. Subia com a brisa a espuma que res-
valava das ondas, novelo a se desvencilhar no céu
azul e a tarde que caía. O sol acontecia e o rio seguia
cercando a paisagem no seu encontro com o mar.
Nuvens deviam correr o céu. O silêncio habitava o
Forte dos Reis Magos compondo o desenho pleno
do horizonte que se perdia nas dunas que cobrem a
Redinha do outro lado do rio. O mar aberto oceano
cujas águas moviam ondas. O corpo rasgava o mar,
locomovendo-se. Braços e pernas. Exercitando-se. A
respiração navegava a vida. Os óculos no porta lu-
vas e os documentos. A blusa e uma toalha. A toca
de crochê que usava nas caminhadas. O fusca cinza
que ela pilotava estacionado. A poeta entrou no mar,
entregou-lhe a alma e o mar lhe devolveu o corpo:
salto esculpido sobre o vão do espaço em chão de
pedra e de aço onde não permaneço – passo.

A notícia no jornal assombrou o seu desa-
parecimento e o corpo que seria encontrado para
consternação geral. Jornal Tribuna do Norte, 14 de
dezembro de 1985, manchete de capa: Zila Mamede
morre afogada. Ela havia desaparecido da existência,
ficara no mar: pesado mar sem gesto, mar sem ânsia,
sem praias, sem limites, sem espaços, sem brisas, sem
cantigas, mar sem rotas, apenas mar incerto e mar
brumoso; e depois: três dias nasci arreias depois, con-
chas esquecidas na memórias dos rochedos, quando
de mim despertarem o agora face que tenho ninguém
sabe quem fui nem de onde venho. Ela era Zila, Zila
azul querida. O azul por conta da sugestão verbal,
assim a tratava o poeta de óculos de aro, testa larga,
carinhoso como um verso, cujas retinas fatigadas de-
savisaram da pedra no meio do caminho, tinha uma
pedra no meio do caminho, era Carlos Drummond
de Andrade em carta para a sua querida Zila.

Da poeta, restou a poesia no cânone literário e
a memória de um exemplo. Natal deitou Zila no berço
do mar encontro com o rio. O mundo do mar que a
ela era tão caro de fascínio, e que cresceu no primei-
ro alumbramento, no desejo da descoberta de quem

quando viu, e era menina, um canavial, indagou: papai
é isto o mar? Não, minha filha, é um canavial. 1942. A
família de mudança para Natal e Zila menina com os
olhos de sede de Currais Novos para o que nunca tinha
visto. Nasceu então o mar que para ela existia definiti-
vamente a partir de então para andar pela sua poesia.
Seis livros de poemas publicados em quatro décadas:
Rosa de Pedra (1953), Salinas (1958), Arado (1959),
Exercício da Palavra (1975), Navegos (1978) e Herança
(1984) e nenhuma pressa que não a calma da desco-
berta da poesia. O poema nascia em si e só necessitava
de cultivo. Primeiro era desmanchar da pedra bruta da
palavra a flor da poesia. Depois, era colher o sal da fai-
na pelo exercício da palavra, sem o qual não haveria
poesia, e navegar pela herança das suas memórias afe-
tivas, do seu chão sertanejo de Nova Palmeira, Paraíba,
onde nasceu, em 1928, para com a mudança da família
adotar o Rio Grande do Norte a pátria minha. Zila era
filha destes chãos que traçava na sua poesia.

Foi Manuel Bandeira, Foi Drummond e foi
Antônio Pinto de Medeiros, todos poetas, que lhe
disseram: Zila cuida do verso, não tem pressa, escre-
ve e procura. Zila então compreendeu que no exer-
cício da poesia se punha um arado em que cortar,
mudar, substituir era a busca essencial da poesia.
Nasceu todos os dias no trabalho do verso a poeta
brasileira Zila Mamede, consagrada em antologias,
festejada pela crítica, desde o primeiro livro, uma
constante trabalhadora do verso, poeta brasileira
evocada por estes todos e outros. Manuel Bandeira
foi quem primeiro lhe disse, continua, Zila, a fazer
poesia, na correspondência que trocaram. Drum-
mond a chamava de querida Zila e a aconselhava a
paciência da poesia. Para João Cabral de Melo Neto,
amigo, a quem também lia, traçou o monumental
inventário de bibliografia do poeta que saiu publica-
do postumamente com o título de Civil Geometria:
bibliografia crítica e anotada de João Cabral de Melo
Neto (1987) e um poema: o gesto de tirar os óculos,
de apoiar a testa na mão (como para sustar a explo-
são das ideias e interrogar-se...).



Cascudo, Luís da Câmara Cascudo, o escritor, folclorista, etnográfico, amigo, dela tomou de maluca, ou santa, como dedicar inteiros quatro anos e quatro meses à completa reunião e compilação de toda a sua bibliografia? Só Zila, consagrando-o pelo seu gesto de organizadora de sua bibliografia por onde labutou em arquivos e correspondências, juntando cinquenta anos de referências sobre a produção intelectual do professor: Luís da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual, 1918-1968 (1970). Capítulo da história cultural brasileira, a que se soma a competência de Zila em outra frente de trabalho: a de semear bibliotecas. Era Zila a incansável trabalhadora do necessário. A poeta e pesquisadora Marize Castro foi atrás destes rastros e desvendou este exercício silencioso e vanguardista que a bibliotecária Zila exercia com conhecimento, responsabilidade e competência que o futuro haveria de confirmar ao escrever o seu nome na maior biblioteca do Rio Grande do Norte: a

Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Foram cursos de formação e aperfeiçoamento no Brasil e no exterior. Zila era incansável não só como poeta, mas também como pesquisadora, compondo as bibliografias, organizando acervos e bibliotecas que acompanhava a sua constante formação e aperfeiçoamento. Fez curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, o primeiro, voltou-se para um mestrado na área em Biblioteconomia, que não chegou a concluir, absorvida com o trabalho nas bibliotecas. Fez cursos nos Estados Unidos também, andou a Europa como correspondente do jornal O Globo e conheceu Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, meio mundo nesta viagem. Já a sua escola poética a formou Bandeira e Drummond com quem se correspondia. Zila aprendeu a ser poeta e encontrou na disciplina e na organização o motor da sua construção. Zila foi do fazer.

Exemplar, traçou seus planos e cumpriu os seus objetivos sem descuidar de suas metas, lançou os seus caminhos, assim se infere dos apontamentos biográficos traçados pela jornalista e poeta Marize Castro. Marize é autora de um completo ensaio sobre a poeta: Zila – infinita, liquefeita, que integra o livro-álbum de fotografias organizado por ela, Marize, e pela jornalista Angela Almeida (2003); nas notas e apontamentos biográficos da literatura do Rio Grande do Norte escritos por, dois deles, pela poeta e professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte Literatura do Rio Grande do Norte (antologia) e Escritoras do Rio Grande do Norte, e o outro pelo professor Tarcísio Gurgel, Informação da Literatura Potiguar, que tecem um pequeno perfil biográfico e elencam alguns poemas de Zila. Há também o volume das cartas compilado pela professora Graça Aquino (1996). E o prefácio em Navegos, a reunião de sua poesia até então, quando Zila comemora cinquenta anos de idade e vinte e cinco de profissão poética. O texto é obra por convite sem aceite de recusa do professor e amigo Paulo de Tarso Correia de Melo, que traça um perfeito retrato de Zila que completa estas linhas.

A Zila mulher era uma presença marcante onde estava, inteligente, sensível, culta, independente e atleta. Desde que chegou a Natal aos quatorze anos de idade acompanhando a família, tomou para si os próprios caminhos da sua vida. Assim que saiu do Colégio Imaculada Conceição fez curso de Contabilidade e foi trabalhar na firma de Sérgio Severo, a que se seguiu a formação em Biblioteconomia. Solteira a vida toda, ensaiou alguns noivados, cultivou namoros, mas desde o princípio assumiu o seu papel na vida da cidade. Dizia, as pessoas acham que sou Françoise Sagan mas sou mesmo é Santa Terezinha. Frequentou os melhores salões e as festas nos clubes América e Aero, casas de amigos, restaurantes da cidade. Não prescindia de uma vida social ativa. O grupo da Abdon Nunes era uma festa, nos terraços de Lalinha e Genivaldo se reuniam: Marcelo e Maria Estela, Zélia e Dinarte Mariz Jr., Haroldo e Selma Bezerra, Paulo de Tarso e Ana Maria, os médicos Paulo Bitencourt e Pedro Coelho, e tantos outros amigos.

Escreveu para os jornais da cidade, publicando os seus poemas, integrou a Igrejinha, grupo culto e cultural formado pelos poetas Défilo Gurgel, Sanderson Negreiros, Nei Leandro de Castro, Walfan de Queiroz, Miriam Coeli e Celso da Silveira, os artistas e também poetas Dorian Gray e Newton Navarro, o cronista Berylo Wanderley. A quem se juntaram os jovens Paulo de Tarso e Moacir Cirne. Cultivava amizades com poetas e escritores em Recife, Bahia, Rio de Janeiro. A dimensão de Zila era a de maior poeta do Rio Grande do Norte depois de Nísia Floresta. Não aceitava ser chamada de poetisa, dizia: poetisa é solteirona que escreve verso, eu sou poeta. Exemplar dona de casa, Zila tinha tudo muito organizado e arrumado, não se indispunha, lavava, passava e cozinhava, sem inibições. No apartamento em que vivia, quadros e uma biblioteca. A uma pequena tela do pintor Thomé Filgueira, dedicou o poema Bois Dormindo, e costumava dizer: não se deve ter em casa mais de dois mil livros, com dois mil livros você já tem uma biblioteca exemplar, o mais se encontram nas bibliotecas públicas.





“
Salto esculpido
sobre o vão
do espaço
em chão
de pedra e de aço
onde não permaneço
- passo

A Ponte - Zila Mamede

Zila trouxe para poesia o cotidiano, em temas até então incomuns para poesia, denota Paulo de Tarso Correia de Melo no ensaio introdutório a Navegos: a promissória, a manicure, o fusca e o fim de semana. A poesia, Zila extraía de todo lugar, ao que parece, veja o título de um poema: Baladinha da varanda do apartamento de Odilon Ribeiro Coutinho, numa festa onde Píxinguinha reinava. A cada livro festejada e comentada pela crítica literária, difundiram o nome e valor da sua poesia Antônio Olinto, Nelson Werneck, Osman Lins, que publicavam nos jornais O Globo, Correio da Manhã, Jornal do Comércio e Folha da Manhã. João Cabral de Melo Neto a incluía entre as maiores do país. O que resta ficou nos retratos que pintam a forma e a cor de Zila, para quem a poesia era mais que um ofício. Ser poeta era uma profissão.

São Gonçalo do Amarante.

Plantando o futuro para as próximas gerações.



São ações como estas que estão mudando para melhor a vida das pessoas. Ações realizadas no presente, plantando o futuro para as próximas gerações.

São Gonçalo do Amarante se reencontrou com sua história e ao lado da memória dos seus filhos mais ilustres, que deixaram sua marca na nossa cultura, planejou um futuro onde tradição e desenvolvimento andassem lado a lado.



Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**

Mais Trabalho, Mais Desenvolvimento.



O REI DO BAR

Um lugar onde pasteis, emoções e apenas músicas do artista solo com mais álbuns vendidos na história da MPB são tocadas, rigorosamente em vinil ou CD. Que lugar é esse? É o Bar do Roberto Carlos, que há 25 anos reverencia o rei do iêiêiê em Natal

Por Janaína Amaral

Fotos: João Neto e Luíza Tavares



Nas paredes, todas as fases do Rei

VOCÊ TEM QUATRO MOTIVOS para frequentar o Bar de Roberto Carlos, na capital potiguar: gostar de bom-papo, cerveja gelada, dos pastéis “emoções”, principal aperitivo do bar, e, claro, das músicas do Rei. Não adianta solicitar outra voz em canções porque todas as músicas, sem exceção, são do maior ídolo da Música Popular Brasileira. E todas são tocadas em disco de vinil, na boa e velha vitrola, ou CD. Os clientes mais exigentes chegam até a desafiar o proprietário, Francisco de Assis Silva, conhecido por Chico, pedindo algumas músicas não tão famosas. “Eu sei que é uma brincadeira, eu brinco também, mando avisar que

se por acaso não tiver a música, o cliente não paga a conta”, diz.

A ideia de abrir o bar que funciona na própria casa onde Chico mora com a esposa e os filhos surgiu no final dos anos 80. Ideia que se concretizou em 1990. O fã absoluto do rei abandonou a profissão de motorista de ônibus e se dedicou a administrar seu próprio negócio. Ele conta que certo dia, quando voltava de Fortaleza, capital do Ceará, dirigindo o ônibus, começou a tocar no rádio a música “Apocalipse”. “Já estava anoitecendo e resolvi andar mais devagar para escutar a música”, conta. Na estrada, foi surpreendido logo adiante com uma máquina

do tipo rolo compressor de uma obra. “Considero um milagre eu não ter sofrido um acidente naquele dia. O que me fez diminuir a velocidade, não deu tempo nem de passar a segunda marcha, foi a música de RC. Eu não tinha visto aquela obra”, revela.

Como Chico era fã e colecionador dos discos de vinil de Roberto Carlos - de cada um ele tem dois ou três -, decidiu abrir o bar com o nome do rei e, como uma forma de agradecer por sua vida, só tocar músicas de RC. “Tem algum LP arranhado? Alguns, afinal, já são mais de 40 anos que sou colecionador, mas tenho cerca de dois ou três de cada”, previne-se.

Gastronomia

No bar, a comida é de boteco - simples e gostosa. O cardápio é enxuto - filé com fritas, churrasquinho... e o carro-chefe: os pasteis “emoções”, recheados de queijo, carne ou camarão. Receita de dona Ana Maria, mulher de Francisco de Assis Silva. Antes da existência do bar, dona Ana fazia os pasteis e vendia nos ônibus que circulavam pelo bairro. Desde esse tempo seus pasteis já eram considerados um sucesso.



Acervo de discos, fotos e CDs é atração à parte para os visitantes

Decoração

O Bar de Roberto Carlos fica na Avenida Amintas Barros, no bairro de Dix-Sept Rosado, esquina com a Rua Josefa Botelho, zona oeste da cidade. As cores únicas na vida do rei logo indicam a referência na fachada e no interior: azul e branco. No piso, idem. Nas paredes, vários pôsteres. Do Rei, claro! Os dias mais movimentados são os de sexta-feira e o sábado. Funciona das 11h até a meia-noite.

Não é apenas com a apa-

rência impecável do Bar RC que o proprietário se preocupa, afinal, fã que é fã acaba incorporando um pouco do artista. Chico só veste azul e branco, tem cabelo com corte parecido com o do seu ídolo, embora garanta não querer ser igual ao rei. “Se meu cabelo fosse bom eu deixaria igual ao de Roberto, como não é, procuro fazer um corte semelhante. Considero Roberto um ser humano tão formidável que nem dá para descrever”, afirma.



Chico e Fátima Bezerra, presença de todos os anos na festa



A celebração fechou a rua para comemorar

74 anos com muita festa

No dia em que foi comemorado o aniversário de Roberto Carlos, 18 de abril, na Arena Allianz Park, estádio do Palmeiras, em São Paulo (SP), Natal também celebrou a data. E de forma tripla. Na mesma ocasião, foram comemorados também os 50 anos da Jovem Guarda, 25 anos do Bar de Roberto Carlos e, elementar, o aniversário de 74 anos do Rei Roberto Carlos, bem ao estilo do cantor, com missa campal, música e fãs, muitos fãs, de diferentes classes sociais.

Na plateia, encontramos gente de diferentes profissões: cabeleireira, mecânico, professor, empresário, dentista, jornalista, político, motorista, garçom, funcionário público, aposentados. E a pergunta era mesma para todos. O que eles estavam fazendo ali, no Bar do Roberto Carlos, do Chico, que também é presidente do Fã Clube Divina Luz.

As respostas eram pareci-

das. “Eu vim pedir benção para Roberto. Ele nem sabe quem sou eu, mas Deus nos presenteou com as músicas e letras dele. Então, trouxe meu marido, meus amigos e parte da minha família para rezar, cantar e se divertir. Todos os anos estamos aqui”, disse Socorro Rocha, professora da rede pública de ensino.

O marido de Socorro, Hildemberg Silvestre, proprietário de transporte alternativo, estava vestido de blazer azul e o penteado do cabelo parecido com o do Rei. “Não me visto assim no dia a dia, hoje tentei ficar parecido com Roberto, nada mais é do que uma forma de homenageá-lo”, festejou.

A senadora Fátima Bezerra (PT) é uma dos muitos assíduos da festa. “Compro mesas todos os anos aqui. Só não venho quando minha agenda não permite”, disse ao ser abordada pela reportagem durante a festa, que aconteceu

no meio da rua. A música “Detalhes” é uma das suas favoritas, mas considera todo o repertório muito bom. “Ela só vai sair daqui na vassoura”, brincou o jornalista Heldon Simões, assessor de imprensa da parlamentar.

A cabeleireira Jane Pessoa garantiu que não enjoa das músicas e a favorita dela é “Herói”. Seu marido, Coutinho Laurentino, mecânico do bairro Dix-Sept-Rosado, revelou que sua canção preferida é “Amada Amante”. Eles têm 30 anos de casados e afirmam que as músicas do Rei fazem parte da vida e da história do casal.

Eudóssia de Araújo, aposentada de 74 anos, visitava o Bar do Roberto Carlos pela primeira vez. Estava gostando da festa, das músicas, todas de RC. Sua canção favorita é “O Cara”. À reportagem, garantiu que 18 de abril não é o dia do aniversário do rei. “O dia correto é 19 de abril”, afirmou.

A missa

“Estou muito feliz porque essa foi a primeira vez que realizamos uma missa. Roberto é muito religioso e tenho certeza de que nossas orações vão abençoá-lo ainda mais”, disse o pároco Lourival Liberatto, da igreja São José de Anchieta.

“Quero parabenizar Chico que, pela primeira vez, incluiu uma missa na programação de aniversário do seu estabelecimento. Aproveito para externar minha alegria em celebrar esta missa para um ídolo nacional que também admiro por suas letras que falam de fé, Jesus Cristo e ensinamento cristão”, discorreu o sacerdote.



Pároco Lourival Liberatto celebrou a missa

A festa

Todas as 80 mesas foram vendidas antecipadamente. E ocupadas rapidamente. O repertório dos Anos 60 ficou por conta de Dikler e Banda, que abriu a noite cantando “Luz Divina”, uma homenagem também a Chico, que também é presidente do Fã Clube Luz Divina. Para otimizar o serviço, o bar só colocou à venda os famosos pastéis de queijo, carne de sol e camarão. Em dias normais, tem petisco de carne de sol, frango, etc.

A rua é fechada de forma organizada para a festa do Rei. Para não incomodar e causar transtornos, Chico decidiu fazer



A rua do bar foi fechada para a comemoração

a festa do ano passado em outro local, mas, para sua surpresa, os vizinhos se chatearam e pediram que a festa fosse realizada no bar. “Nós nos respeitamos bastante

e cada um aqui procura ajudar. Esses fãs que estão aqui representam muito pra mim, porque todos frequentam meu estabelecimento”, comemorou.



Tons de azul, fotos e homenagens a Roberto



Chico e seu ídolo

De frente para o rei

Chico conta que já conheceu Roberto Carlos pessoalmente. “Já estive com ele umas sete vezes”. Sempre que o rei faz shows em Natal, João Pessoa, Recife ou Fortaleza, o fã incondicional faz questão de comparecer.

O bolo

Flores, azul e branco e uma coroa deram o tom do bolo da ocasião e todos os presentes faziam questão de uma foto ou uma selfie para recordação, ou compartilhar nas redes sociais. O Instagram do blog Rituais da Boa Mesa, que esta jornalista assina no portaldabelhi-

nha.com.br, fez um post do bolo que, para nossa surpresa, foi repostado pelo Instagram oficial do Rei.

Por conta deste post, descobrimos ainda que o bolo oferecido durante o show de RC na Arena Allianz Park foi encomendado a uma nordestina do Ce-

ará, que hoje mora em São Paulo: Marina Távora, da Sweet Vanila. O recheio foi de doce de leite com coco e possuía 20 kg. Roberto provou a aprovou. Tanto que saboreou quatro fatias.

E vida longa ao Rei Roberto Carlos!



O bar do rei atrai novas gerações



Aniversário comemorado no Allianz Park, São Paulo

Carlos Girardi

Rio não convencional

Por Octávio Santiago

Uma outra cidade pouco visitada, mas igualmente maravilhosa





Uma vista diferente, do Morro do Vidigal

NEM SÓ DE “SEU mar, praia sem fim” vive o Rio de Janeiro. A musa inspiradora de Tom Jobim também guarda outros “encantos mil”, longe das areias e águas que lhe deram fama, versos e samba. São lugares frequentados pelas garotas e senhoras de Ipanema, pelos meninos e senhores do Rio, mas ainda pouco visitados pelos visitantes. Uma outra cidade, porém, igualmente maravilhosa.

O número alto de turistas sobre os calçadões e o dos preços nos cardápios fizeram o carioca olhar para cima. Lá no alto dos morros, estão as melhores vistas da cidade. Em parte deles, após processos de pacificação, apreciá-las com segurança já é uma realidade. Não se trata de turismo caricato, nas favelas, mas sim de aproveitar o que, por anos, foi exclusividade

das comunidades.

No Santa Marta, cuja entrada se dá pelo bairro de Botafogo, um funicular leva locais e visitantes ao topo do morro. A companhia para apreciar o visual de metade do Rio de Janeiro turístico é um Michael Jackson de bronze, uma homenagem pós-morte pela sua passagem, em 1995, com “They Don’t Care About Us”. Uma panorâmica da Zona Sul carioca, cortada pela geografia característica da cidade, é a recompensa final da subida.

Já na comunidade do Vidigal, junto ao morro Dois Irmãos, a programação é mais animada. Inaugurado em 2014, o Bar da Laje é modinha entre os mais descolados. Bolinhos bem harmonizados com cervejas ou caipirinhas saem da cozinha fumaçando. Nos sábados, a dona da casa é a feijoada. No quase vizinho Alto Vidigal, há receitas mexicanas e indianas. Em comum, o público jovem e a vista privilegiada para o mar de Ipanema e do Leblon.

Cenário da novela global “Babilônia”, o morro de mesmo nome, por trás dos prédios do Leme, tem atraído a atenção de cariocas e turistas. O bar Estrelas da Babilônia tem proposta semelhante aos endereços do Vidigal.



Arquitetura peculiar de Santa Theresa, inspirada em Lisboa

Pequena Lisboa

No Rio de Janeiro, entretanto, há morros que não são comunidades. O mais famoso deles é Santa Theresa. Mesmo cortando caminho pela Escadaria Selarón, o caminho da Lapa até o alto é cheio de ladeiras. Ah, e de samba também! Aos sábados, principalmente, quando as rodas do ritmo estão pelas esquinas, como a do Bar do Mineiro e o Santa Arte, por onde muito em breve os bondes amarelos característicos do bairro vão voltar a circular.

Santa, como é mais conhecida entre os cariocas, é a certeza

de que fomos colônia portuguesa. Seus casarios e ladeiras – azulejos também – remetem a um passeio pela Alfama ou Barrio Alto lisboetas. Mas é do Pará que vem as influências da cozinha do seu endereço gastronômico mais conhecido, o Aprazível. Literalmente pendurado no alto do morro, o lugar serve pratos como o Pernil das Gerais, o Cordeiro Sagrado e o Marreco Aprazível, todos com um tempero extra: a vista para a Guanabara e o centro histórico da cidade.



A cereja do bolo de Santa Theresa se chama Parque das Ruínas. No ponto mais alto do morro, esse centro cultural instalado num antigo casario realiza projetos de novos artistas e ainda conta com um café com vista extraordinária.





Museu de Arte Moderna, um dos mais importantes do país

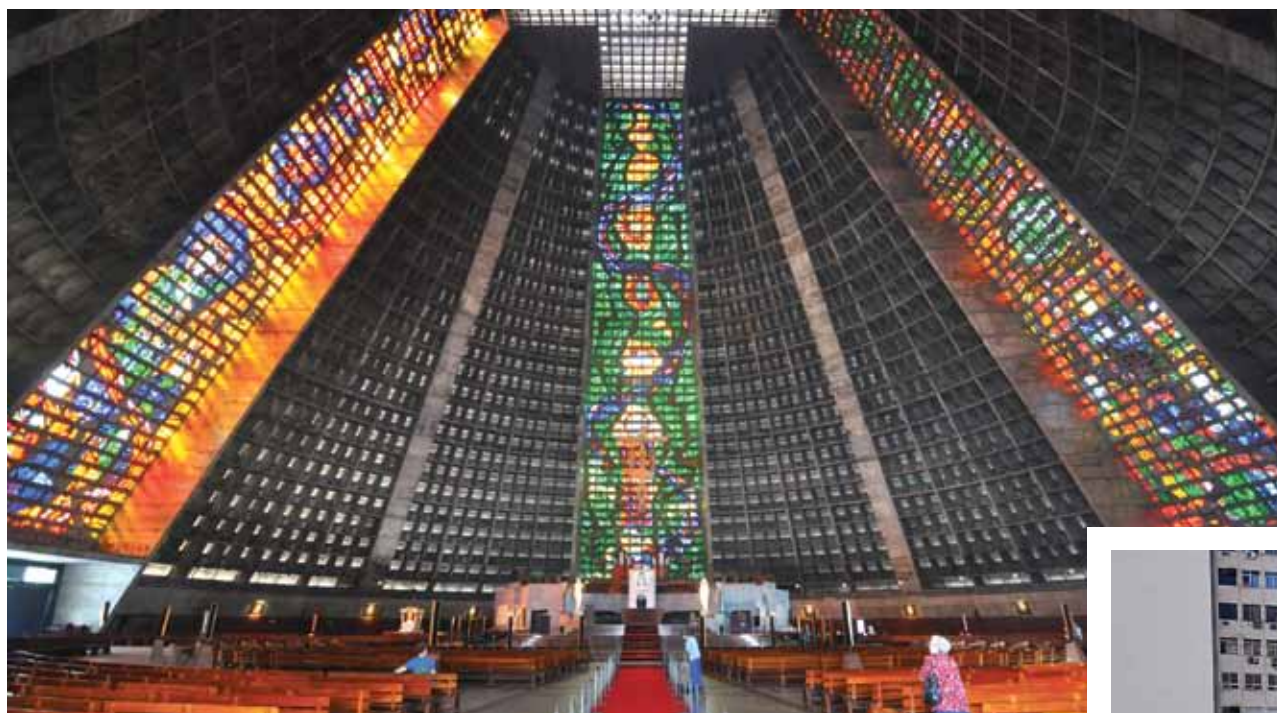
Uma tarde no museu

Apesar de a música de Fernanda Abreu não falar a respeito, o Rio de Janeiro tem seus dias de chuva. Não que seja preciso esse argumento, mas eis aí uma ótima oportunidade para se buscar abrigo nos museus da cidade. O mais novo deles é o Museu de Arte do Rio, o MAR, que valoriza a arte produzida na capital fluminense ou sobre ela. O lugar está em sintonia com o projeto de recuperação da zona portuária da sede das Olimpíadas de 2016.

Outra parada igualmente interessante é o Museu de Arte Moderna, o MAM. Na verdade, uma das instituições culturais mais importantes do país. O prédio em si já uma obra de arte, do arquiteto Affonso Reidy. Localizado em pleno aterro do Flamengo, o museu é a casa de trabalhos de grandes nomes das artes plásticas nacionais, como Candido Portinari, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral.



Já está em fase avançada a construção do Museu do Amanhã, também da zona portuária do Rio. O projeto é do renomado arquiteto espanhol Santiago Calatrava, o mesmo que fez o Cidade das Artes e das Ciências, de Valência.

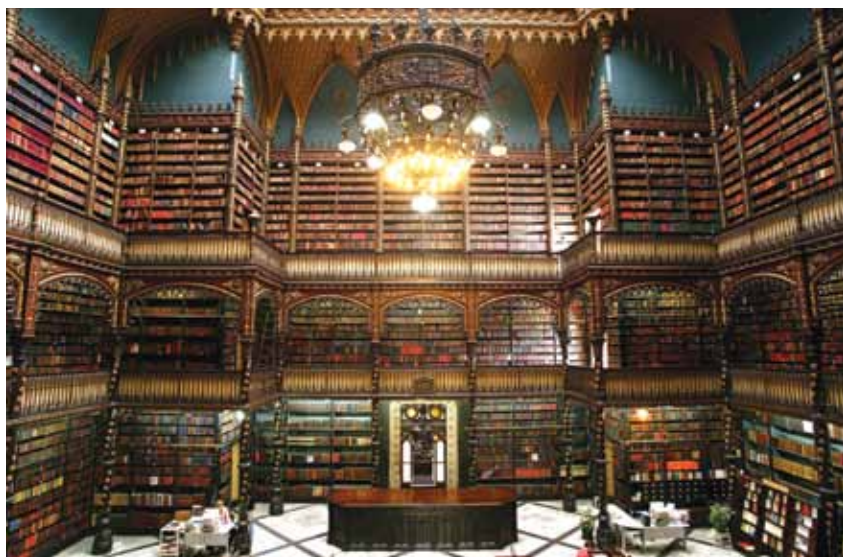


Vitrais da Catedral Metropolitana de São Sebastião

Programação abençoada

A cidade mais famosa do “país tropical, abençoado por Deus” sabe agradecer a ele pelas belezas tão abençoadas. Um passeio pelo centro histórico do Rio de Janeiro deve começar sob os aquedu-

tos da Lapa, na Catedral Metropolitana de São Sebastião. Trata-se de uma parada moderna nesse passeio ao passado, mas a sua forma piramidal e os seus vitrais são um ótimo início para o tour.



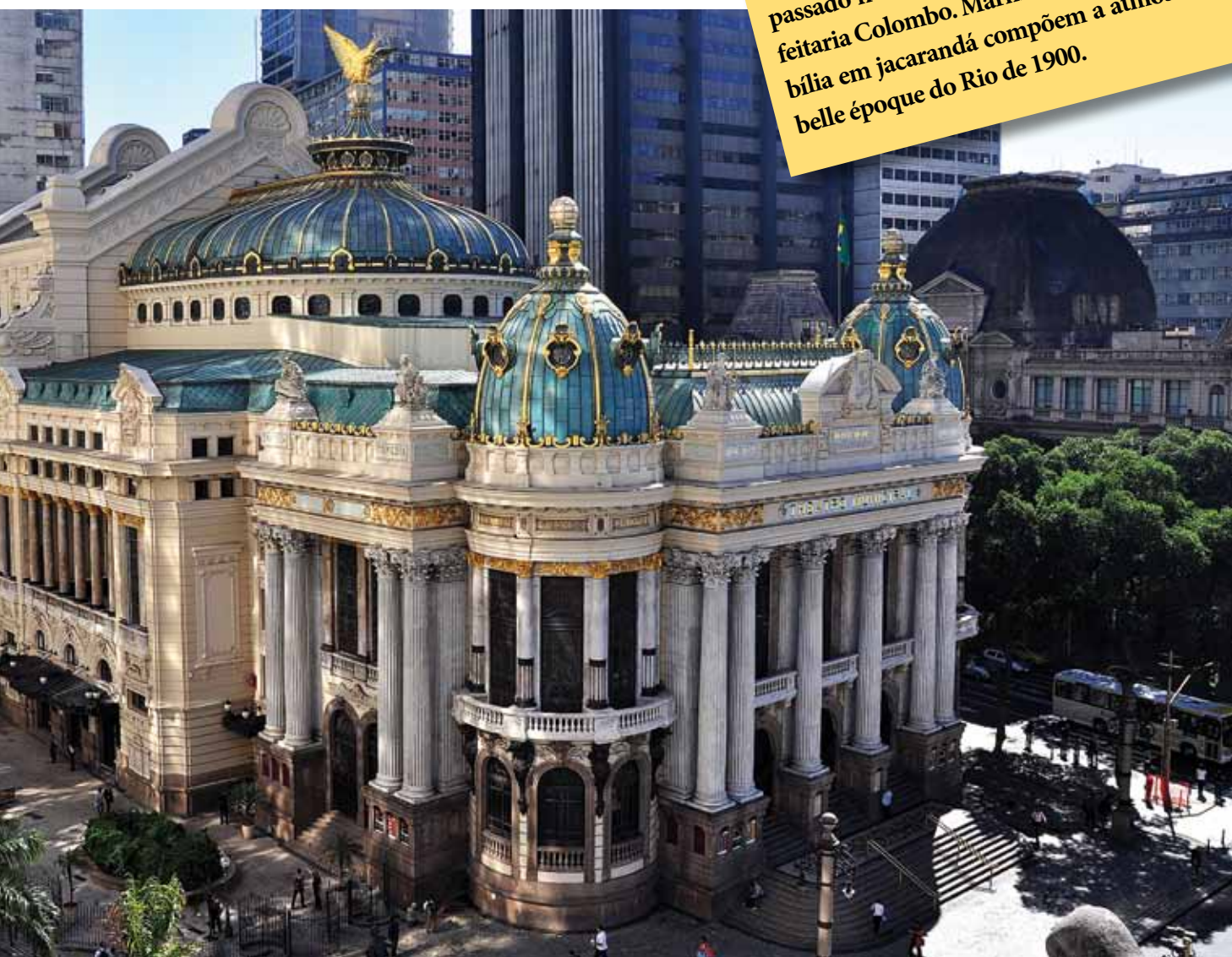
Riqueza de conhecimento no Real Gabinete Português de Leitura



Da Catedral, segue-se para o impressionante Real Gabinete Português de Leitura, edifício neomanuelino cujo interior enche os olhos dos visitantes com seus 350 mil livros. Logo ali está o Teatro Municipal. Inspirado na Ópera Garnier, de Paris, o seu interior é puro bronze, mármore italiano e vitrais inglês. Mais uma atração de encher os olhos e que prova que o Rio de Janeiro continua sendo, além de praia, tudo isso, fevereiro e março.



No centro histórico, a viagem ao passado fica completa com o chá na Confeitaria Colombo. Mármore, vitrais e mobília em jacarandá compõem a atmosfera belle époque do Rio de 1900.



O imponente prédio do Teatro Municipal do Rio de Janeiro

O MUNDO ENCONTRA-SE EM MILÃO

Por Jean Rocha's de Milão, Itália
Fotos: Rodrigo Spolidoro

Da capital da moda, do luxo, arquitetura e negócios, o jornalista natalense Jean Rocha's, que há 12 anos mora em Milão, escreveu para a Bzzz sobre o maior evento do mundo que aborda alimentação e nutrição, EXPO: 2015, onde Chefes de Estado se encontram para discutir soluções que acabem com a fome no planeta. Até outubro, visitantes podem conhecer e experimentar os melhores pratos do mundo e descobrir as tradições agroalimentar e gastronômica de cada país participante



Catedral Duomo, construção em estilo gótico que começou em 1386 sob a iniciativa do arcebispo Antonio da Saluzzo

A ATMOSFERA DO CAMPO, com as cores e os perfumes vindos do mundo agreste, acolhe o visitante da maior exposição universal que a Itália está realizando desde o dia 1º de maio, até o 31 de outubro deste ano. Uma maçã gigante, de oito metros de altura, feita em grama e pequenas plantas, dá as boas-vindas aos milhares de turistas que chegam a Milão, sede da maior exposição mundial de eventos: a EXPO 2015. A obra do artista italiano Michelangelo Pistoletto, de 82 anos, retrata o símbolo e o primeiro fruto do paraíso terrestre.

A EXPO 2015 será o maior evento jamais realizado no Planeta sobre a alimentação e a nutrição. Durante seis meses, Milão

ficará sendo uma vitrine mundial para 145 países participantes. As nações presentes mostram o melhor das próprias tecnologias para dar uma resposta concreta a uma exigência da vida: conseguir e garantir alimento saudável, seguro e suficiente para todos os povos da Terra. Uma área de exposição com mais de 1 milhão de metros quadrados receberá vinte milhões de pessoas. A exposição internacional será a plataforma

de um debate de novas ideias e soluções sobre o tema da comida, promovendo as inovações para um futuro sustentável. Quem for à EXPO terá a oportunidade de conhecer e experimentar os melhores pratos do mundo e descobrir as tradições agro-alimentares e gastronômicas de cada país participante; conhecendo as técnicas usadas no setor rural e as tecnologias aplicadas para o desenvolvimento do campo.



Além do contato direto com povos dos cinco continentes, o visitante vai entrar em mega-pavilhões construídos para sediar o evento, todos com um único tema central: “Nutrir o Planeta, Energia para a Vida”. Chefes de Estado que estarão presentes, entre eles a presidente Dilma Rousseff, tentarão encontrar soluções para acabar com a fome mundial. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 870 milhões de pessoas sofrem com a desnutrição. Mas, mesmo assim, a cada ano cerca de 1,3 bilhão de toneladas de comida são desperdiçadas. Por isso, presidentes e ministros dos países presentes irão discutir políticas conscientes, estilos de vida e tecnologias de ponta para encontrarem um equilíbrio entre a disponibilidade e o consumo dos recursos.

Mas a reflexão sobre o tema transforma-se também num momento de descontração e de festa na capital lombarda. Diariamente, eventos e espetáculos acontecem nos pontos mais visitados de Milão, como o Castelo Sforzesco, uma fortificação do século XV, e a majestosa Catedral Duomo, símbolo e coração da cidade da moda, com seus imponentes 157 metros de comprimento e 109 de largura, uma das maiores do mundo. Na área aberta do Castelo, foram montadas grandes estruturas para acolher o visitante. Serviços de informações em mais de dez línguas, pontos de vendas de bilhetes para os eventos, bicicletas públicas, rede de internet grátis e mapas da cidade. A modernidade ao alcance de todos. Tudo concentrado na zona do Castelo Medieval, antiga residência da família Sforza, a mais nobre da história milanesa.



Maçã gigante de oito metros de altura na Piazza Duomo simbolizando o fruto do paraíso terrestre. Obra do artista Michelangelo Pistoletto



Via Dante, uma das mais movimentadas de Milão. Enfeitada com as bandeiras dos 145 países participantes



GATE EXPO 2015. Ao fundo a torre do Castelo Sforzesco, fortificação do século XV. Um dos pontos mais visitados de Milão

Crise e reestruturação

Com a EXPO 2015, a Itália espera lucrar bilhões de euros e sanar uma crise financeira que dura mais de cinco anos. Para isso, Milão foi completamente reestruturada com obras que vão desde o aumento da malha do metrô, superando os 100 km, até a recuperação do calçamento antigo da cidade. O prefeito, Giuliano Pisapia, tenta aproveitar-se da euforia dos milaneses com o evento e pegar carona para reverter a péssima administração nos últimos três anos e os altos índices de rejeição que possui. Mesmo ocupando o oitavo lugar em qualidade de vida

no mundo e sendo motor da economia italiana, Milão vem saindo de uma crise que petrificou suas finanças nos últimos cinco anos. Vítima de uma política nacional de altas taxas para as empresas e os cidadãos, a cidade sofreu com o êxodo de população e capital financeiro. Muitos milaneses deixaram a cidade para tentar uma vida melhor em países como os Estados Unidos, Alemanha e Austrália. Empresas fugiram nos últimos dez anos para países com taxas mais atraentes. Vale salientar que a Itália tem um dos mais altos impostos de toda a União Europeia.



Piazza Castello. Turistas chegando aos Gates- EXPO 2015

O desemprego é a principal reclamação entre os jovens. Hoje, 9% da população está desempregada. E viver numa cidade que está entre as dez mais caras do mundo não é tão fácil. Mas, se compararmos os dados da capital da Lombardia com as outras 19 regiões italianas, Milão ainda faz inveja a qualquer cidade no mundo. Sua força nos setores da indústria, comércio e bancos faz dela uma das mais ricas da União Europeia. Seu PIB metropolitano é o maior de toda a Europa, a cifra chega a quase 300 bilhões de dólares e possui um dos mais altos PIBs per capita do mundo, quase 40 mil euros. Turistas chegam à cidade todos os dias desembarcando nos três aeroportos

que servem a zona metropolitana (Malpensa, Linate e Bergamo-Orio).

A capital da moda, do luxo, arquitetura e dos negócios é o destino correto para quem deseja comprar. As lojas e grifes estão espalhadas por todos os cantos. Numa rua especial, Montenaполеone, o visitante tem a oportunidade de ver as marcas mais famosas do Made in Italy num único lugar. Na rua dos milionários, como é conhecida, circulam famosos do mundo inteiro desfilando em suas ferraris de luxo. Mas, quem não estiver interessado em compras pode se aventurar pelo grande acervo histórico da cidade. Templos da Era Romana, mais de 200 igrejas católicas, castelo, palácios

imperiais e até sarcófagos. Vemos também o barroco e o gótico em perfeita harmonia com o mundo moderno. Colunas de mais de mil anos que serviram de pilares para a Igreja de San Lorenzo ainda resistem ao tempo, um livro de História a céu aberto. Em cada esquina, palacetes seculares desenharam a paisagem milanesa. Na pressa pelas compras, o visitante deixa de contemplar majestosas obras de artes que ficam escondidas pela cidade. A EXPO 2015 é apenas um motivo para conhecer a capital da Lombardia. Vale a pena ficar um pouco mais na cidade e conhecer a verdadeira riqueza milanesa: seu patrimônio histórico. Milão respira história.

VÉU E GRINALDA

Fotos: Júnior Barreto e Ernani Melo

No altar da Igreja Bom Jesus, em Natal, Fernanda Melo e André Pompilio juraram amor eterno, sábado (6). Ela natalense, ele paulista, os dois residentes em São Paulo. Momento de muita emoção quando os avós maternos da noiva, Ivan e Sônia Melo, entraram na igreja para levar as alianças. Depois da chuva de arroz, festa linda no Chaplin Recepções. Impecável, ao som da ótima banda Amistad e do DJ Luís Couto. Noiva bela em vestido e sapatos Lucas Anderi (SP), maquiagem e cabelo por Nil (Sinval). Noivo elegante em terno Ricardo Almeida. E os dois curtem lua-de-mel em Dubai e nas ilhas Maldivas.



Enfim, casados!



Maria Elisa Melo e Dutra



Marcela Carvalho e Wellington Paim



Eliana Lima e Francisco José Oliveira



Flávio Melo e Simone Vila Melo



Cláudio Porpino



Delicioso bolo Tereza Vale



Verônica Melo Costa, Anchieta Costa e Ana Carolina Costa



A mãe Luciana Melo e o filho Bruno com os pais Sônia e Ivan Melo



Roninho Dantas, Cácio Paiva e Juliana Melo



Luciana Melo, Patricia Monte e Ana Cristina Felínio Sodré



Maria Elisa Melo, Ericina Melo, Dutra e Ione Melo



Os pais do noivo: Elisabeth Mari e Wilson Pompilio

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



BEM RECOMENDADOS

Parada obrigatória de viajantes antenados antes de embarcar, o site TripAdvisor reúne experiências compartilhadas pelos seus usuários e, por essa razão, tem muito a dizer para turistas e nativos sobre os lugares.

As avaliações dos melhores restaurantes de Natal, por exemplo, já ultrapassam o número de 30 mil, críticas capazes de moldar roteiros gastronômicos para quem visita ou mesmo vive na cidade.

A rede Camarões ocupa hoje as quatro primeiras colocações do ranking com as suas duas lojas de Ponta Negra no topo da lista e as unidades dos shoppings Midway e Natal Shopping na sequência.

O Manary e os seus frutos do mar estão na quinta posição. A cozinha francesa do La Brasserie de La Mer é a sexta colocada. No sétimo lugar, estão as receitas regionais do Mangai e figurando a oitava melhor avaliação de Natal, a proposta única do bistrô Dolce Vita.

Interiorização

A base do teleférico que vai ligar a igreja matriz de Santa Cruz, no Interior do Estado, à imagem de Santa Rita de Cássia, a maior religiosa do país, está quase pronta. A expectativa é de que o primeiro passeio aconteça até o final de 2016.



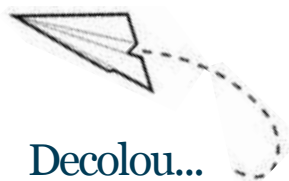
Já era hora

Foi enfim resolvido o problema de “escorregamento” na pista do aeroporto de Fernando de Noronha (Pernambuco) e as saídas da ilha já foram normalizadas. Somente no mês de maio, 18 decolagens da companhia Azul foram canceladas.



Boa mesa

Segue até o dia 19 deste mês, em Natal, o festival “Brasil Sabor”. O evento, que acontece simultaneamente em diversas cidades de todo o país, mobiliza 17 restaurantes na cidade, com preços diferenciados sobre pratos inéditos.



Decolou...

Mais um voo internacional saindo de Natal. Milão, na Itália, será o destino da decolagem semanal da Meridiana, a partir de setembro deste ano. As passagens já estão à venda.



Aterrisou...

Antes com saídas distintas de Brasília, os voos diretos das companhias Tam e Gol para Natal agora saem, os dois, no mesmo horário, após as 22 horas. A novidade desagradou a classe política local.

TINTIM!

Fotos: Paulo Lima e Rose Brasil

Socialite das mais queridas da capital federal, Gitana Lira, com os mimos do maridón-senador Raimundo Lira (PMDB-PB), recebeu em sua bela casa no Lago Sul as amigas chíquimas e cheirosas para celebrar, em happy hour, mais um grito de felicidade, ao som do cantor paraibano Allan Mariz, que interpreta Roberto Carlos. Ocasião com discurso da filha Isabela, com recheio de emoção



A aniversariante com o marido e os filhos Rodolfo, Isabela e Rogério Lira



Jacqueline Magalhães,
Rita Márcia Machado e
Maria Olímpia Gardino



Vânia Carvalho,
Denise Zuba,
Márcia Lima



Elizabeth Campos,
Moema Leão,
Tereza Campelo



Leda Napoleão, Brunilde Moraes,
Marlene Bacelar



Ana Cristina Campelo,
Ana Rosa Sabóya



Iza Matias,
Thamis Peres,
Isa Mozzato



Anita Maia, Zélia Leite Chaves,
Anna Maria Maciel



Débora Roberto, Vilalva do Rego,
Ana do Rego Leal



Maria das Graças Miziara,
Beatriz Araújo, Melissa Gontijo

BONITOS E FUNCIONAIS

Os adesivos decorativos surgem como soluções práticas para decorar com agilidade e custos mais baixos. Praticidade que os tempos modernos clamam. É cada vez mais comum a sua presença na decoração de ambientes e objetos. De quartos infantis a salas, de cozinhas a áreas de serviço



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br





Adesivos garantem um novo visual a qualquer ambiente



Adesivos que imitam azulejos são práticos e bonitos



Uma opção para decoração rápida e prática



DIZEM QUE ARQUITETO FAZ mágica, milagre etc. Essa ideia faz sentido, quando, em contato com o cliente, seja em projeto residencial ou comercial ou área externa, o cliente, com desejo de mudança, quer algo criativo, mas não tem ideia de como realizar. Principalmente quando quer muito pagando pouco. Aí vem a necessidade de se chamar um profissional da área, no caso um arquiteto, design de interiores, que elabore um projeto que faça a diferença.

Em muitos casos a mudança é simples, rápida e prática, e por que não dizer inteligente! O que faz parece uma mágica, transforma mínimos ambientes em gigantes inimagináveis. Uma mudança de cor, um papel de parede, um adesivo decorativo, uma imagem, por exemplo, são elementos que, aplicados, proporcionam uma significativa alteração.

Às vezes radicais, esses elementos podem modificar todo um estado emocional, a ponto de trazer felicidade às pessoas que vão utilizar o espaço. Essas ideias são antigas, porém, modernizam-se. As opções são inúmeras, diversas e, com criatividade, usando a tecnologia a seu favor, podemos assumir que no mundo da decoração essa é uma mágica.

Um aliado de peso que cresce nesse setor são os adesivos decorativos infinitos, que imitam materiais diversos, como tijolo, azulejos, madeira, pedra, silhueta de árvores, frases escritas em letras variadas e coloridas, desenhos que criam ilusões de ótica, elementos em 3D, imagens que dão profundidade ao ambiente, bem humoradas e que podem ser mudadas a qualquer momento ou desejo.


Com uma aplicação rápida e fácil, o ambiente passa a ter uma cara nova, uma personalidade marcante, apenas com uma pequena alteração. Uma opção bem interessante são os adesivos de imagens que tomam toda a parede abrindo janela para uma paisagem. É como se a pessoa estivesse dentro dela. Com alguns elementos a mais, como iluminação, aromas e música adequada, a pessoa se transporta para o local, seja em uma praia, uma montanha, floresta ou algo que deseje muito.

Essa é a dica!



Está aberta a temporada de postagens melosas e apaixonadas, dia 12 vem aí! Já pensaram em alguma surpresa que fuja do convencional para o amado(a)? O Dia dos Namorados merece uma atençãozinha especial, e um toque pessoal é sempre bem-vindo para deixar o seu presente único. E, olha, não precisa de muita habilidade para isso! O simples ato de escrever um cartão, em tempos de smartphones, whatsapp, snapchat, instagram e afins, já demonstra cuidado e apreço com o presenteado.

Por Larissa Soares



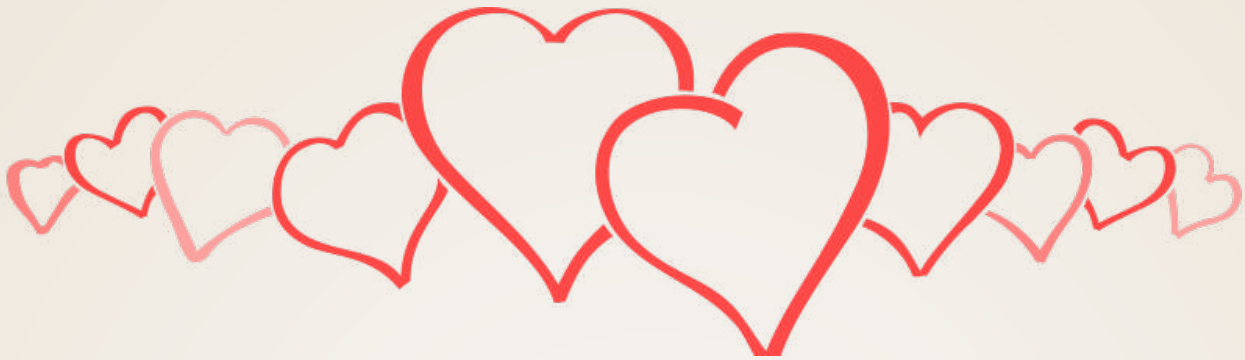
QUE TAL FAZER SEU próprio buquê ao invés de deixá-lo a cargo da florista? Escolha várias flores diferentes e coloridas, embale em papel craft e rafia e tá pronto um buquê lindo e autêntico. Ah, entregue em mãos! Chega de terceirizar o romantismo.

E a caixa de chocolates? Vamos mudar? Natal está cheia de pâtisseries que derramam amor em cada cupcake, mini bolo e doceinho. Não preciso nem dizer que estou falando da @bocaditos-forma de guloseima.

Seu amor é viciado em redes sociais? Que tal materializar o amor virtual? A @coletivo_design tem várias opções para personalizar seus presentes com imagens de redes sociais como cases, imãs de geladeira, camisetas, etc.

Quer eternizar seu presente? A memória está diretamente ligada aos aromas, por isso, às vezes, quando sentimos um cheiro nossa mente nos leva para uma determinada época. Para isso, invista em perfumes, hidratantes, sabonetes ou aromatizadores de ambiente. Elegante e eterno. Se essa vai ser sua escolha, não deixe de conferir as essências da Phebo e Granado, que além de deliciosas têm as embalagens retrô mais lindas.

Já pensou em personalizar uma joia? Essa é a proposta da linha life da Vivara, dar um toque único e pessoal em cada peça, pode ser colar, pulseira ou anel. O bacana é ir montando aos poucos, de acordo com a sua vida, existe um berloque para cada momento. Bacana, né?



Mas, se você é prendada(o) e quer colocar a mão na massa aí vai uma receitinha caliente: torta de chocolate com pimenta.



Ingredientes:

- 350g de paçoquinha
- 1col. de sopa de manteiga derretida
- 1 barra de chocolate meio amargo
- 1 lata de creme de leite sem soro
- geleia de pimenta a gosto
- Pimenta malagueta para decorar



Modo de preparo:

Misture paçoquinha com a manteiga até formar uma massa, coloque em uma forma de fundo removível e espalhe a massa até ficar fininha. Leve ao fogo médio até a massa começar a inchar (vai começar a formar umas bolhas), tire do forno e deixe esfriar.

Derreta o chocolate em banho-maria e em seguida misture com o creme de leite (sem o soro) até formar uma pasta homogênea. Derrame o chocolate sobre a massa e leve à geladeira até ficar bem geladinha. Na hora de servir coloque a geleia de pimenta

por cima de tudo. Desenforme, decore a torta com a pimenta malagueta e é só servir!

Outro presente bastante inusitado é um dia de spa a dois, essa é uma das propostas do Vitta Spa Day, proporcionar uma experiência relaxante para o casal que inclui massagem corporal e facial, spa dos pés, hidratação facial revitalizante, acompanhados de lanche e espumante. Para aqueles que não desgrudam nem na hora de se cuidar!

E aí, vai continuar na mesmice da camisa, vestido, sapato, bolsa ou relógio?

5 de junho

Dia do
Meio ambiente

CIDADÃO RESPONSÁVEL
Meio Ambiente Saudável

Vamos fazer a nossa parte!!!



TOGA

Fotos: Paulo Lima

O desembargador federal Reynaldo Soares da Fonseca tomou posse como ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), na vaga aberta com a aposentadoria do ministro Arnaldo Esteves Lima, e ganhou jantar de comemoração, no Espaço Villa Rizza, em Brasília



O homenageado entre Ana Cristina e Estênio Campelo



Ministro Gurgel de Faria e Adriana



Ibaneis Rocha, Luzineide Getro, Ludmila e o ministro Tarcísio Carvalho



Desembargador Marcos Augusto e Nelcília de Sousa, Francisca Guimarães e o desembargador Caião Alves



Ministra Assusete e Júlio Magalhães



O homenageado com a esposa Luziana e os filhos Rafael, Gabriel e Leonardo Fonseca



Antônio Alberto Cerqueira e Pilar Campos



Técio Lins e Silva e a Ministra Luciana Lóssio



Ministros, Aldir Passarinho Filho, Luiz Octávio e Isabel Gallotti e Raul Araújo Filho



Fábio Moruzzi e Andréia Sarney



O casal Marluce e Antônio Gentil recebe Carla Assumpção, diretora-geral da Swarovski Brasil

LUXO NO ÚLTIMO

Fotos: Bemtevi

O grupo potiguar Gentil Negócios, controlado pelo empresário Antônio Gentil, ao lado de Washington Bezerra, sócio local, e Daniel Lasse, sócio regional, inaugurou no Shopping Iguatemi Fortaleza. Trata-se da primeira loja cubo de cristal da Swarovski do mundo com quatro lados transparentes, em meio a jardins e espelhos d'água. Noite de inauguração com delícias do chef Alain Tortosa, ao som da ótima banda de jazz Stefano Band, com presença de Carla Assumpção, diretora-geral da Swarovski no Brasil. Na loja, seleção especial de peças das últimas criações a grandes clássicos da marca, como os acessórios da coleção Cristal Gardens, inspirada na natureza.



Antônio Gentil e o herdeiro Glauber recebem Afrânio Marinelli, Lília Alencar, Carla Assumpção



Daniel Lasse, Glauber e Filipe Gentil



Marluce Gentil recebe os blogueiros de moda Augusto Bezerril e Thiago Malva



Nadja Parente, Lillian Porto, Gabriela e Niedja Bezerra



Marcelo, Maria Luiza, Cristina e Valman Miranda



Tais e Felipe Palhano



Denise Queiroz, Renata Santiago, Clarisa Mota



Natalia Ribeiro e Tayron Bezerra



O empresário Antônio Gentil brinda com Eliane Brasil e Eivaldo Bringel



O cubo de cristal do Iguatemi de Fortaleza é o único no mundo com quatro lados de vidro



Ambiente interno da loja



Pufe coberto de cristal no centro da boutique



Glícia Gentil e Lilian Porto recebem Magali e Paulo Porto Lima



Ricardo e Roberta Ary



Adriana e Glauber Gentil recebem Priscila de Sousa



Marcelo Miranda, Renata Santiago, Maria Luiza, Valman Miranda



Glícia Gentil e o sócio Washington Bezerra recebem Carla Assumpção, o badalado promotor Lázaro Medeiros, Luciana Nascimento



Luiziane Cavalcante, Girlane Brasil



Liliana e Sara Diniz



Márcia e Deivid Zanotelli

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo da família e Bobflash

A bela Fazenda Olho D'Água, em São Gonçalo do Amarante, foi cenário de uma festa que reuniu ricos e poderosos, no 13 de março de 2003. Uma noite temática que remeteu aos anos 50 para celebrar os 50 anos do empresário e agropecuarista José Bezerra Júnior, conhecido como Ximbica entre os amigos. Pra dançar, som de Renato e seus Blue Caps, Banda Anos 60 e na vitrola Whisky a Go Go/À meia luz o som do Johnny Rivers... Roberto Carlos, Wanderleia, Erasmo Carlos... e, claro, Beatles. Na decoração, lounges, mesas, bufês e volantes, bares fixos, com serviço impecável do tradicional Nick Buffet. Uma noite pra dizer memorável.



O clã: Adriana, Raquel, o aniversariante, Silvana, Luiza, José Neto, Débora e Maria Eduarda



O aniversariante com a matriarca Ivete Sá Bezerra



Haroldo Sá, Marcelo Bulhões e Ana Toneli, com Washington Gadelha e Tereza



Eleika, Natália, Zorilda e Dulce Bezerra



Elísio Galvão, a saudosa Savana e Ezequiel Ferreira de Souza



Liliane Fagundes e Gladys Fernandes



Os anfitriões com as irmãs Letícia e Leisia Galvão



Leila Vasconcelos



O cenário da festa: Fazenda Olho d'Água



Marcos Galvão, Silvana e José Bezerra com Marília Galvão



Manuel Cavalcanti, Abreu, José Agripino e Ricardo Cavalcanti



Maurício Galvão, o aniversariante, Murilo Pinto e Haroldo Bezerra



Marta Melo, Ricardo Faria e Mônica, com Laurita Arruda



Silvana e José Bezerra recebem Mara Sarahyba e Glorinha Távora



Heloisa Guerreiro, Aglae Miranda, Danilo Simonetti, Manuela Bezerra e Angela Simonetti



Manuca Montenegro, Silvio Torquato, Fernando Fernandes e Nilson Brasil



CARLOS DE SOUZA

HOTEL

Esta edição é dedicada aos amantes do cinema. Começo indicando Grande Hotel Budapeste, do diretor Wes Anderson que fez filmes do quilate de Os Excêntricos Tenenbaum ou Moonrise Kingdom. O filme conta a história de um velho escritor que narra suas aventuras como funcionário de um hotel antigo. Com um elenco incrível, que conta com Adrien Brody, Willem Dafoe, Mathieu Amalric, Jude Law, Saoirse Ronan, Jason Schwartzman, Harvey Keitel, Jeff Goldblum, Tilda Swinton, Owen Wilson, Tom Wilkinson, Edward Norton e Léa Seydoux surgem em papéis interessantes e quase sempre únicos. Dafoe, que faz um vilão bem divertidos. Quem também está presente é Bill Murray, parceiro de longa data de Wes Anderson. Boas risadas garantidas.



Viagem

Para quem gosta de viajar e adora Paris em todas as estações, nada melhor que este Meia Noite em Paris, de Woody Allen. O filme conta a história de um escritor que faz uma viagem no tempo e encontra os escritores americanos da chamada "Geração Perdida", que foram morar em Paris no período do pós-primeira guerra. Estão lá Ernest Hemingway, Scott Fitzgerald e artistas europeus bem conhecidos como Salvador Dali e Luís Buñuel. No elenco Owen Wilson e Marion Cotillard. É mais uma homenagem de Woody ao mundo da arte. Divertidíssimo.



Riqueza

Ah, mas para você que adora riqueza, nada melhor que Blue Jasmine, também de Woody Allen. O enredo é o seguinte: Uma milionária (Cate Blanchett) perde todo seu dinheiro e é obrigada a morar em São Francisco com sua irmã (Sally Hawkins) e os sobrinhos em uma casa bem modesta, onde acaba encontrando um homem refinado (Peter Sarsgaard) que pode resolver seus problemas financeiros. É uma personagem tão falsa e fria que nem Shakespeare criou algo igual.



Religião

Nesses tempos de recrudescimento dos fundamentalismos religiosos, recomendo este O Profeta Fora da Lei, de Gabriel Range, com Tony Goldwin e Martin Landau. É a história do líder mórmon Warren Jeffs, procurado pelo FBI pelo estupro de menores e violência contra mulheres. É um filme inquietante, porque mostra como uma pessoa com razoável nível intelectual, consegue enganar milhares de pessoas usando o nome de Deus. O nível de violência psicológica que ele usa para subjugar as pessoas é indescritível. E o pior é que isso pode acontecer bem próximo a todos nós.



Sucesso

Outra cinebiografia fundamental para se entender a diferença entre literatura e sucesso é este Não Pare na Pista – A Melhor História de Paulo Coelho, de Daniel Augusto, com Julio Andrade e Ravel Andrade. O filme se concentra em três momentos distintos da carreira do escritor: a juventude, nos anos 1960 (período em que é vivido pelo ator Ravel Andrade); a idade adulta, nos anos 1980 (Júlio Andrade); e a maturidade, em 2013, quando refaz o Caminho de Santiago (Júlio Andrade, maquiado). Usando como base depoimentos do próprio Paulo Coelho, a história perpassa os momentos mais marcantes da vida do autor, como os traumas, a relação com as drogas e a religião, sexualidade e a parceria com o músico Raul Seixas.



Imigração

Essa dica é para quem não conhece a realidade da imigração no continente americano. A Jaula de Ouro, de Diego Quemada-Diez, conta a história de três meninos e uma menina que vivem em extrema situação de miséria num país da América Central e sonham em se mudar para os EUA, na busca de um sonho dourado. Só que essa viagem se transforma no pesadelo da vida real e faz o telespectador pensar bastante sobre sonhos e jaulas.

Música

Essa é seguramente uma das boas cinebiografias nacionais. Tim Maia, de Mauro Lima, com Babu Santana. Baseada no livro Vale Tudo - O Som e a Fúria de Tim Maia, de Nelson Motta. O filme percorre boa parte da vida do artista, desde a sua infância no Rio de Janeiro até a sua morte, aos 55 anos de idade, incluindo a passagem pelos Estados Unidos, onde o cantor descobre novos estilos musicais e vive aventuras hilárias e perigosas. Filme emocionante para quem ama a boa música brasileira.



Ciência

Um dia a humanidade vai ter que pensar em mudar de endereço e procurar outro planeta para morar. Este é o tema do inquietante Interestellar, de Christopher Nolan, com Matthew McConaughey e Anne Hathaway. Após ver a Terra consumindo boa parte de suas reservas naturais, um grupo de astronautas recebe a missão de verificar possíveis planetas para receberem a população mundial, possibilitando a continuação da espécie. Filme elogiadíssimo por cientistas sérios, que só não aprovaram a cena de nuvens congeladas fluando. Contraria as leis da física.





SEM FREIOS E CONTRAPESOS

UM RAIOS X DA DESARMONIA DOS PODERES

A nova legislatura começou a todo vapor. A Câmara dos Deputados, sob a batuta de Eduardo Cunha, tem imprimido um ritmo frenético à Casa e atuado como verdadeiro rolo compressor nos assuntos que o seu presidente elege como prioritários.

Para aqueles que por lá circulam e circularam em outras legislaturas, é inegável que o clima atual é bem diferente de outrora. Há uma tensão constante no ar e, mais do que nunca, a imprevisibilidade tem sido a tônica reinante. As bases aliadas estão fragmentadas e o ambiente Planalto-Alvorada uma eterna quarta feira de cinzas.

Há cinco meses sob o comando do novo presidente - que não esconde o gosto pelo exercício do poder absoluto -, projetos que há anos tramitavam no Congresso Nacional foram súbita e abruptamente votados. Poder-se-ia cogitar, talvez, de exemplar eficiência do novo comandante, que conseguiu aprovar rapidamente o que seus antecessores não conseguiram. Será? Mera ilusão. Essa não é a lógica de funcionamento da Casa do Povo. Aprovar matérias “à toque de caixa” não traduz eficiência, ao revés, denota ranços de mandonismo e forte vocação autoritária.

Matérias que afetam a população precisam de debate, diálogo, oitiva e participação dos principais afetados. É preciso buscar-se o consenso entre os interesses envolvidos, o que requer tempo e habilidade. O atropelo e a prevalência do interesse do mais forte, além de não refletir eficiência, evidencia a excessiva e nociva influência do poder econômico nas decisões e o distanciamento dos representantes do povo daqueles que o elegeram.

A aprovação do PL 4330/04 ilustra com mestria este cenário. A fim de atender a interesses particulares e específicos, a Câmara aprovou o Projeto que admite a terceirização indiscri-

minada, sem limites, mesmo sendo repudiada pelo Poder Judiciário Trabalhista, Ministério Público do Trabalho, entidades de classe de magistrados e procuradores do trabalho e centrais sindicais. De pouca valia foram os alertas lançados de que a aprovação do Projeto traria a precarização das relações de trabalho, a redução de garantias conquistadas historicamente e nenhuma melhoria para o trabalhador.

Mais recentemente, a aprovação da denominada PEC da Bengala (457/05), também com o fim de atender a interesses de um grupo restrito, foi aprovada na Câmara dos Deputados.

O posicionamento das entidades de classe que representam a magistratura, nacionais e regionais, opuseram-se à proposta desde os primórdios de sua tramitação. Esta voz - dos principais interessados, diga-se -, ainda que firme e uníssona, não foi ouvida e a Casa do Povo, em flagrante incoerência e na contra mão do direito comparado, adotou como idade limite de trabalho no serviço público algo além da expectativa de vida do cidadão comum. Mais uma vez, então, inspirado em razões nada republicanas

e por puro casuísmo, alterou-se o texto constitucional e toda e qualquer argumentação jurídica, ainda que construída sob sólidos pilares, sucumbiu à disputa de poder e a interesses menores.

O país vive uma forte crise. A desesperança nas instituições é generalizada. A crise é política, econômica, social e, porque não dizer, de identidade. Precisamos nos reencontrar. Aprender, urgentemente, a lidar com este imenso poder que o Estado Democrático de Direito nos dá: o voto, o poder de escolher aqueles que irão decidir os rumos do nosso país, no Executivo e no Legislativo. Ou despertamos para o exercício consciente deste direito ou continuaremos sendo vítimas de nós mesmos.

“

A crise é política, econômica, social e, porque não dizer, de identidade”.

TV Câmara Natal. Sinônimo de transparência.

Transparência é a virtude de deixar transparecer, de mostrar-se, de apresentar as decisões do legislativo municipal e promover cidadania e cultura com programas que são a cara do nosso povo.

Transparência é mostrar tudo isso com a qualidade do sinal digital aberto para sua casa. É isso que a TV Câmara Natal é, transparente em todos os sentidos.



PROGRAMAS:

- | | |
|--------------------------|----------------------|
| ■ SESSÕES ORDINÁRIAS | ■ TV FISCO EM PAUTA |
| ■ SESSÕES SOLENES | ■ TV RURAL |
| ■ AUDIÊNCIAS PÚBLICAS | ■ QUINTA JURÍDICA |
| ■ CÂMARA REPÓRTER | ■ JUSTIÇA E VOCE |
| ■ COM A PALAVRA VEREADOR | ■ AGORA É LEI |
| ■ CÂMARA VERDE | ■ DICAS DA TV CÂMARA |
| ■ CÂMARA ESPORTIVA | ■ FAÇA O BEM |
| ■ CÔMITE DE IMPRENSA | ■ MEU BAIRRO |
| ■ DIRETO AO PONTO | ■ MOMENTO CULTURAL |
| ■ TELA DE JUSTIÇA | ■ PERFIL PARLAMENTAR |
| ■ PENSANDO BEM | ■ PONTOS HISTÓRICOS |
| ■ EDUCAÇÃO EM PAUTA | ■ VOCÊ SABIA |



Câmara Municipal de Natal
A CASA DO POVO, A SUA CASA.



UM ITEM QUE NUNCA FALTA NO MERCADINHO DO JOÃO.

Se a sua empresa também precisa economizar energia para reduzir custos, o Sebrae te dá uma força. Com o **Programa de Eficiência Energética LIGADO NA ECONOMIA**, você identifica as causas do desperdício e traça o melhor caminho para reduzir o consumo. Resultado: você gasta menos e mostra que é possível usar este recurso tão importante de forma inteligente. **Inscreva a sua empresa e economize você também.**

PROGRAMA DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA
LIGADO

NA ECONOMIA

SEBRAE
 Serviço de Apoio às Micro e Pequenas
 Empresas de Rio Grande do Norte

ALI
 AGENTES LOCAIS DE INOVAÇÃO



WWW.RN.SEBRAE.COM.BR/LIGADONAECONOMIA | 0800 570 0800